



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**EMANUELLA KELLY DOS SANTOS**

**FEMININO E MASCULINO: QUAIS AS FACES NA CONTEMPORANEIDADE?**

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**2011**

**EMANUELLA KELLY DOS SANTOS**

**FEMININO E MASCULINO: QUAIS AS FACES NA CONTEMPORANEIDADE?**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia, da  
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento  
à exigência para obtenção do título de bacharelado e  
licenciatura em Psicologia.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jailma Souto Oliveira da Silva**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237f Santos, Emanuella Kelly dos.  
Feminino e masculino [manuscrito]: quais as faces na contemporaneidade? / Emanuella Kelly dos Santos. – 2011.  
52 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Jailma Souto Oliveira da Silva, Departamento de Psicologia”.

1. Psicologia sexual. 2. Diferenças sexuais. 3. feminilidade. 4. Masculinidade. I. Título.

21. ed. CDD 155.3

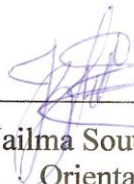
**EMANUELLA KELLY DOS SANTOS**

**FEMININO E MASCULINO: QUAIS AS FACES NA CONTEMPORANEIDADE?**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de bacharelado e licenciatura em Psicologia.

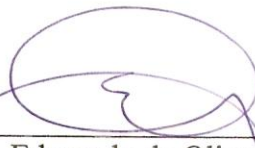
Aprovado em 21/12/2011

**BANCA EXAMINADORA**



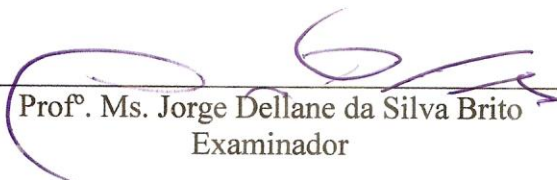
---

Prof.ª Dr.ª Jailma Souto Oliveira da Silva  
Orientadora



---

Prof.º Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio  
Examinador



---

Prof.º Ms. Jorge Dellane da Silva Brito  
Examinador

*Tenho fases, como a lua  
Fases de andar escondida,  
fases de vir para a rua...  
Perdição da minha vida!  
Perdição da vida minha!  
Tenho fases de ser tua,  
tenho outras de ser sozinha.*

*Fases que vão e vêm,  
no secreto calendário  
que um astrólogo arbitrário  
inventou para meu uso.*

*E roda a melancolia  
seu interminável fuso!  
Não me encontro com ninguém  
(tenho fases como a lua...)  
No dia de alguém ser meu  
não é dia de eu ser sua...  
E, quando chega esse dia,  
o outro desapareceu...*

**Lua Adversa, de Cecília Meireles**

## AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não é uma vitória só minha, muitos são os envolvidos em todo o processo. Muita gente me ajudou diante das dificuldades, me estendeu a mão e me mostrou que a caminhada podia ser dura, mas no final dela é que eu encontraria o arco-íris. Por isso, não posso esquecer-los e venho através deste simples agradecimento recordar a história desses cinco anos de curso, da minha vida e de todos os que passaram por ela e deixaram sua marca.

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus, que comigo esteve presente em todos os momentos, que no desespero me fez ver que ainda havia uma linda estrada a trilhar, e mesmo que as pedras estivessem presentes eu poderia afastá-las, aprendendo com elas o peso e a alegria de vencer os obstáculos. Obrigada Senhor! A ti dedico toda a minha vida e todas as minhas vitórias. Que a tua vontade se faça na minha história.

Aos meus pais, Hermes e Rosinete de maneira especial. Sem vocês eu não seria nada. Obrigada por acreditarem em mim desde o primeiro instante, e por não terem medo do desconhecido. Painho e mainha, vocês são dois seres lindos que Deus colocou no meu caminho para me amar, me cuidar e me mostrar o caminho da retidão. Obrigada pelos ensinamentos, carinho, amor e dedicação em todo esse tempo. Obrigada por nas dificuldades estarem me apoiando e insistindo para que eu não desistisse. Desculpem meus momentos arrogantes e incompreensivos. Amo muito vocês dois!

A dois seres que com certeza estão olhando por mim onde se encontram nesse momento. Obrigada vovô e vovó! Vocês pra mim foram e continuam sendo meus anjinhos. Obrigada pelo carinho dedicado a mim em vida e pela proteção que me oferecem de onde estão.

Aos meus tios Odizia, Arinete, Josefa e Luis. Obrigada por toda a ajuda oferecida durante esse tempo de estudos, pelo dinheiro pro lanche, pelos livros, pelos créditos no celular, pela hospedagem em suas casas quando necessitava. Muito obrigada por tudo que fizeram por mim!

Ao meu namorado Thomás, que está acompanhando dois anos dessa minha caminhada. Obrigada amor pela compreensão, pela paciência nos momentos em que eu mais me desesperava e acabava descontando em você, por me socorrer nos momentos em que tanto

precisava, e por todo amor e respeito a mim dedicados. Te amo muito e desejo que nosso amor perdure por muitos anos! És muito especial e precioso na minha vida! Que essa seja uma vitória pra nós dois e que venham muitas outras...

Aos meus amigos que são de grande importância na minha vida. Muito obrigada: Bárbara, Angélica, Samara, Rafa, Caio, Sintia, Sayonara, Aline, Alanna, Anízio! Com vocês vivi momentos incríveis que me faziam lembrar que a vida não se resume apenas a livros, publicações e vida acadêmica. Obrigada por alegrarem os meus dias e me fazerem mais humana!

Agradeço às minhas lindas meninas Ranny, Kamylla e Laísy! Com certeza nossa amizade irá perdurar além das paredes dessa faculdade. Obrigada Ranny pelas palavras de carinho, conselhos e sorrisos. Obrigada Kamylla pelas conversas, confidências e ajuda em momentos difíceis. Obrigada Laísy por todos os galhos quebrados, pela compreensão e por ter dividido comigo sua morada. Enfim, obrigada por toda amizade, afeto e carinho! Que nosso quarteto não se desfaça no coração e no pensamento, mesmo com a distância e com o tempo.

A Dany, a Meg, e a Livinha, vocês conquistaram um lugar muito especial no meu coração. Mesmo na distância, tenham certeza de que não cairão no esquecimento. Espero ainda fazer parte da vida de vocês por muito tempo!

A pessoas lindas que tornavam os meus dias mais alegres. Obrigada Ianna, Kílvia, Raquel, Andreza, Frankleudo, Thiago e Luann Glauber, pela amizade e alegria compartilhada comigo. Com certeza vocês estarão sempre na minha memória, e nas histórias repassadas quando lembrar dessa época chamada faculdade. Obrigada Renally, Hediany e Rafa, embora tenhamos nos aproximado já no finalzinho do segundo tempo vocês ganharam seu espaço no meu coração. Que não percamos o contato! Muito sucesso a turma Psi 2007.1, e que nos encontremos muito por aí nas viagens e congressos da vida...

A minha orientadora Jailma Souto por tanta paciência, dedicação e compreensão. Obrigada por ter me ajudado, por não ter desistido do trabalho. Saiba que minhas fugas não eram de você mas do meu compromisso, e parte do meu sintoma, como você mesma disse. Não esquecerei da sua importância nesse momento da caminhada e serei eternamente grata a tanto empenho e atenção.

Aos professores que por mim passaram nesse tempo de graduação, e que deixaram os ensinamentos e exemplos de sabedoria, humanidade e docência exercida com competência. Obrigada Ellis Regina, Myrna Maracajá, Livânia Beltrão.

Em especial obrigada a Edmundo Gaudêncio e a Jorge Dellane pela gentileza de aceitarem fazer parte da minha banca. Admiro muito a ética e a competência de vossas pessoas.

A Cristina Maia e a Ana Ocilde, por me ensinarem tanto sobre psicanálise e me mostrarem a verdadeira prática psicanalítica diante de situações vistas apenas na teoria.

Aos funcionários da clínica que todos os dias nos atendiam sempre prontos a ajudar e a tornar as nossas atividades mais fáceis e descomplicadas. Obrigada Vanildo, seu Chagas, seu Eraldo, Maria José. Continuem prestando seus serviços de forma carinhosa e atenciosa. Vocês fazem a diferença!

Enfim, obrigada a todos os que não foram citados nessas simples folhas mas que com certeza deixaram seu rastro de contribuição na minha vida.



## RESUMO

Este estudo trabalha a concepção da diferença entre os sexos, com o intuito de situar os lugares reservados a homens e mulheres no decorrer dos séculos e promover uma interlocução entre esses lugares considerando a concepção da Psicanálise a respeito de tal diferença. Sabe-se que a mulher ocupou durante muito tempo uma posição inferior e submissa ao homem, e que para justificar tal submissão a sociedade se utilizava dos pensamentos dominantes: a Igreja e a filosofia. Muitas teorias foram desenvolvidas na tentativa de esclarecer a submissão feminina, dentro delas a condição que preconizava tal submissão quase sempre estava relacionada às suas condições físicas e biológicas. Com a Revolução Industrial e a inserção feminina no mercado de trabalho, as mulheres passaram a reivindicar seus direitos e a igualdade perante os homens. No contexto das teorias explicativas para as razões das diferenças entre os sexos, a Psicanálise instaura uma visão para além do biológico, trazendo o masculino e feminino como um conceito que ultrapassa o corpo. A teoria freudiana do Complexo de Édipo surge explicando a sexualidade infantil, até então ignorada, e como eixo das identificações sexuais e de gênero. A partir do atravessamento do Édipo, na relação triangular com o par parental os sujeitos se definem na partilha dos sexos. Quais as implicações dessa escolha: ser homem ou ser mulher? O que antes era bem definido quanto ao lugar da mulher, transformou-se na pós-modernidade. A mulher surge em uma nova roupagem, segura e potente, fazendo com que o homem sintasse perdido e inseguro perante essa nova mulher. Como esse homem se coloca diante dessa mudança feminina e dos lugares destinados a cada sexo? E como as relações amorosas se estabelecem na contemporaneidade a partir destas transformações?

**Palavras-chave:** Psicanálise, feminino, masculino, contemporaneidade.

## ABSTRACT

This study design works of the difference between the sexes, in order to place the seats reserved for men and women over the centuries and promote a dialogue between these sites considering the conception of psychoanalysis with regard to this difference. It is known that women have long occupied an inferior position and submissive to man, and that such submission to justify the company was using the dominant thoughts: the Church and philosophy. Many theories have been developed in an attempt to clarify the female submission, within them the condition that such submission advocated was often related to their physical and biological conditions. With the Industrial Revolution and the inclusion of women in the labor market, women began to demand their rights and equality before the men. In the context of theories that explain the reasons for the differences between the sexes, Psychoanalysis establishes a vision beyond the biological, bringing the male and female as a concept that goes beyond the body. Freud's theory of the Oedipus complex comes to explaining infantile sexuality, hitherto ignored, and as the axis of sexual and gender identifications. From the crossing of Oedipus, the triangular relationship with the parental pair subjects are defined in the sharing of the sexes. What are the implications of that choice: be a man or a woman? What was once well-defined as the place of women, became the post-modernity. The woman appears in a new guise, secure and powerful, making the man feel lost and insecure before this new woman. How this man stands before this change and women's sites for each sex? And how romantic relationships are established in the contemporary world from these transformations?

**Keywords:** psychoanalysis, female, male, modernity.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>1. DIFERENÇA ENTRE OS SEXOS: RAÍZES HISTÓRICAS</b> .....	12
1.1 Diferença entre os sexos: Raízes dessa história no Brasil.....	17
1.2 O feminino entre fases e faces.....	20
<b>2. O SUJEITO E O FEMININO: CONSIDERAÇÕES DA PSICANÁLISE</b> .....	24
2.1 O Édipo em Freud.....	24
2.2 O Édipo em Lacan.....	26
2.3 “O tornar-se mulher” .....	28
<b>3. O FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE: O DECLÍNIO DA FUNÇÃO VIRIL</b> .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	45

## APRESENTAÇÃO

Ao longo dos séculos, cada cultura elaborou seu pensamento próprio sobre os lugares reservados a cada sexo. Historicamente, observa-se que as mulheres desde sempre aparecem absorvidas em um contexto de repressão cultural, social, religioso e político que tende a distorcer a sua condição enquanto ser humano e associá-la a algo frágil e inferior ao homem.

Durante um grande período a escrita e os registros ficaram dominados sob a ótica masculina. Assim, a condição feminina aparece em grande parte dos registros históricos associada à fragilidade, incapacidade, submissão e a preconceitos que delimitavam sua participação e seu poder de ação diante da situação histórico-cultural da sua época.

Na pré-história a mulher apresentava um status de grande importância devido a sua capacidade de gerar descendentes (na época ainda sem explicações), e tinha um domínio sobre sua prole e sobre o grupo no qual estava inserida. Essa situação mudou com o advento da sociedade patriarcal, onde todos os poderes sobre a casa, a mulher e os filhos ficam direcionados ao homem.

Diante dessa mudança de domínio e renegada a um papel de menor importância, as mulheres passam um longo período destinadas aos poderes dos homens, sejam eles seus pais ou seus maridos. São coagidas a ficar restritas ao ambiente doméstico, tendo como obrigação os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos e marido.

A Igreja e os pensadores foram grandes responsáveis pela concepção da diferença entre os sexos, privilegiando o masculino como dominante em cada período, uma vez que emitiam pensamentos e regras capazes de estender-se a toda sociedade, e ditar o modo como a vida deveria ser regida e interpretada. Durante a Idade Média, observa-se grande participação do pensamento religioso na concepção da mulher. Conceção esta que desliza entre as figuras bíblicas de Eva, mãe da humanidade e mulher que introduziu o pecado, Maria, mãe de Deus, intercessora dos pecadores, e o lado mítico feminino representado na figura das bruxas, enigmáticas mulheres, que eram vistas como tendo um pacto com o demônio. .

No Brasil, a história também se apresenta marcada pela ordem patriarcal. Nas tribos indígenas as mulheres eram proibidas de participar de cerimônias solenes ou de ocupar qualquer posição de chefia. Durante o período colonial, os homens dispunham de liberdade para participar de eventos sociais e escolher suas relações amorosas, fora dos laços conjugais, enquanto às mulheres estava destinado o casamento escolhido pelos pais e a saída de casa apenas quando acompanhada pelo marido em ocasiões especiais.

Com a Revolução Industrial na Europa e sua repercussão mundial, o mercado de trabalho demanda mão de obra. Nesse contexto, a mulher entra nesse espaço para suprir a necessidade de força de trabalho, ainda assim, carrega o peso da diferença dos sexos recebendo salários menores que os homens e sendo expostas a longas jornadas de trabalho.

A expansão da Revolução Industrial e do capitalismo também atinge os solos brasileiros e leva a mulher a sair do ambiente doméstico e inserir-se no mercado de trabalho. Assim, ao conseguir sua inserção no mercado de trabalho, a mulher encara a luta por melhores condições de vida e ingressa em movimentos com o objetivo de reivindicar sua igualdade com os homens, adentrando com toda força nos movimentos chamados feministas.

A partir da luta feminina marcada pelos espaços de luta demarcados na correlação de forças sociais, os diversos campos do saber voltaram seus olhares para a questão das diferenças socioculturais entre os sexos. Foram elaboradas diversas teorias a fim de desmistificar o excesso de dominação de um sexo sobre o outro, cada uma tentando justificar tal diferença a partir de suas crenças ou interesses. E na maioria das vezes, essa diferença era justificada trazendo o corpo biológico como marca maior dessa dominação.

A psicanálise marca uma grande contribuição para essas questões, uma vez que a concepção do masculino e feminino passa a ser preconizada a partir de outros fatores que se situam para além do biológico, trazendo à tona conceitos e visões antes ignoradas. A diferença passa a ser entendida não mais como condição biológica, mas como uma posição inconsciente que coloca o sujeito do lado masculino ou feminino.

Para a psicanálise se nasce macho ou fêmea no campo biológico, mas torna-se mulher ou homem, a partir da estruturação psíquica. Desse modo, pode-se perguntar: o que situa um sujeito na posição masculina ou feminina? Que fatores são esses capazes de mudar a condição biológica?

Além desses questionamentos, somos levados a refletir sobre outras interrogações: Qual a situação da mulher na contemporaneidade? Como ela reagiu à dominação do homem e conquistou seu espaço? E o homem como se coloca diante das mudanças?

Esse estudo se propõe a em três seções responder esses e outros questionamentos, tendo como principal objetivo refletir acerca do trajeto da diferença entre os sexos ao longo dos séculos, trazendo o lugar da mulher como objeto de estudo. E além disso, situar esse lugar na contemporaneidade, assim como o atual lugar ocupado pelo homem, articulando esses lugares com a psicanálise e a constituição do sujeito defendida por esse campo do saber.

## 1. DIFERENÇA ENTRE OS SEXOS: RAÍZES HISTÓRICAS

Homens e mulheres são diferentes biologicamente, entretanto, essas diferenças ultrapassaram os limites do corpo físico e estabeleceram-se também no campo sociocultural, tornando diferente o tratamento reservado a cada sexo. A mulher, na maioria das vezes, é vista como um ser inferior e que deve respeito, e até mesmo, dependendo da cultura observada, reverência e obediência ao seu senhor, o homem.

Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo, vol. I* (1970), nos aponta que:

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo *vir* o sentido geral da palavra *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (BEAUVOIR, op. cit., p. 09).

Nos registros históricos podemos encontrar relatos de como a mulher era vista com inferioridade desde os tempos antigos, e como pensadores, filósofos e estudiosos, cada um em sua época, tentaram justificar essa inferioridade, ou em algumas vezes, rebatê-la e justificar a igualdade entre os sexos. Deste modo, pode-se identificar dentre os principais pensadores, em diversos recortes da história, uma visão específica em relação às diferenças entre os sexos.

Durante a pré-história, a mulher apresentava-se como ser de grande importância para o desenvolvimento da sociedade, devido a sua fertilidade e capacidade de gerar descendentes, e ainda pelo fato de que muitas vezes se fazia necessário que elas fossem responsáveis pela defesa do grupo, uma vez que os homens eram encarregados de caçar e ficavam afastados durante dias. Diante da sua capacidade de procriar, até então inexplicada, a mulher era considerada uma divindade, fato que pode ser encontrado representado na arte da época através de estatuetas e pinturas (ALTIMARI; RIZZO, 2010).

Acredita-se que foi no período da horda primitiva onde a superioridade do homem sobre a mulher apareceu de forma menos acentuada, visto que, nessa época não havia propriedade, instituições, herança e direito. A partir do momento em que os nômades se fixam numa terra e se tornam agricultores é que começam a surgir as instituições e o direito. Nesse momento o casamento não é tomado como causa de servidão para a esposa, e a propriedade comunitária transmite-se pelas mulheres. Os filhos pertencem ao clã da mãe, usam-se do nome dela e participam dos seus direitos (BEAUVOIR, 1970).

Entretanto, essa situação mudou e o patriarcado foi substituindo a sociedade onde a mulher era valorizada e considerada sagrada. Sobre esse triunfo, Beauvoir (1970) apontou que:

O homem mediatizou sua experiência e, em suas representações como em sua existência prática, triunfou o princípio masculino. O Espírito superou a Vida; a transcendência, a imanência; a técnica, a magia; e a razão, a superstição. A desvalorização da mulher representa uma etapa necessária na história da humanidade, porque não era de seu valor positivo e sim de sua fraqueza que ela tirava seu prestígio; nela encarnavam-se os inquietantes mistérios naturais: o homem escapa de seu domínio quando se liberta da Natureza. (BEAUVOIR, op. cit., p. 95).

Há certa discordância entre os historiadores em relação ao papel da mulher no Egito antigo. Alguns apontam um papel de destaque para a mulher nessa sociedade, enquanto outros contestam e afirmam que para a mulher o papel reservado no Egito antigo era um papel secundário. Entre tantas contestações, pode-se afirmar que as mulheres tinham uma situação jurídica privilegiada na sociedade egípcia, quando comparada à situação em outras civilizações antigas, uma vez que as mulheres, assim como os homens, poderiam possuir bens próprios, e também alguns documentos mostram que elas também podiam participar de transações econômicas como compra e venda. As mulheres podiam ainda, assim como os homens, atuar nos tribunais como defensoras e testemunhas, e também eram responsabilizadas por seus atos, sendo interrogadas e castigadas com métodos próximos aos aplicados aos homens. Embora, as mulheres tivessem direitos na sociedade egípcia, não se pode considerar uma igualdade entre elas, tendo em vista que esses direitos eram reservados as mulheres das classes sociais mais altas, o que não ocorria com as demais. Além disso, os homens eram os que ocupavam os grandes cargos públicos, enquanto as mulheres encontravam-se praticamente excluídas da burocracia (SOUSA, 2008).

Pode-se dizer que no Egito a unidade religiosa e social era constituída pelo casal, e nessa sociedade a mulher surgia como aliada e complementar ao homem. A mulher tinha ainda, o direito de casar-se livremente e de casar novamente quando viúva (BEAUVOIR, 1970).

A situação na Grécia antiga diferenciava-se em suas cidades-Estado de Esparta e Atenas. Na sociedade Espartana, as mulheres podiam circular livremente na cidade e recebiam a educação estatal na intenção de atender às necessidades do seu meio social, eram educadas dedicando-se à prática de exercícios físicos ao lado dos homens, tendo a função de gerar filhos robustos e corajosos para atuarem no exército espartano. Enquanto isso, em Atenas as mulheres eram mantidas confinadas em casa, devendo aprender com outras mulheres a administrar o seu lar e a realizar as atividades domésticas (SILVA, 2005).

A sociedade grega era essencialmente masculina, androcêntrica e com a vida pública voltada para a guerra e a política. Entretanto, as mulheres não estavam excluídas do mundo de heróis da mitologia e literatura grega, uma vez que elas completavam de alguma forma esse

mundo, como recompensas merecidas e símbolos sexuais, ou como amas, esposas e progenitoras (RODRIGUES, 2001). Em geral, as mulheres gregas eram despossuídas de direitos jurídicos ou políticos, e estavam inteiramente submissas na sociedade (TORRES, 2001). Isso pode ser verificado pelos registros deixados pelos seus principais pensadores e filósofos.

Pitágoras (apud BEAUVOIR, 1970, p. 06), importante filósofo e matemático grego, chegou a dizer que “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.”

Platão, outro filósofo grego, traz uma visão diferente da de Pitágoras em sua obra *A República*, assinalando a importância da defesa da mulher na sociedade, e o pensamento de que as mulheres eram dotadas de razão e que assim como os homens também teriam a capacidade de governar um Estado. Tal pensamento de Platão aparecia como o oposto ao dominante na época.

A diferença entre as idéias de Platão e a situação vivenciada na época pode ser observada nas próprias idéias do seu seguidor Aristóteles, que se referem à concepção da mulher como um homem incompleto.

Fundamentalmente, Aristóteles achava que faltava alguma coisa à mulher. Para ele, a mulher era “um homem incompleto”. Na reprodução, a mulher é passiva e receptora, enquanto o homem é ativo e produtivo. Por esta razão é que – segundo Aristóteles – o filho do casal herdava apenas as características do pai. Aristóteles acreditava que todas as características da criança já estavam presentes no sêmen do pai. Para ele, a mulher era apenas o solo que acolhia e fazia germinar a semente que vinha do “semeador”, ou seja, do homem. Para colocarmos a coisa em termos verdadeiramente aristotélicos: o homem dá a “forma”; a mulher, a “substância”. (GAARDER, 1998, p. 128).

O pensamento de Aristóteles encontrava também uma razão para a inferioridade da mulher, afirmando que tal inferioridade se devia ao fato de ela não ter a plenitude racional da alma. Devido a isto a esposa para ser considerada boa deveria manter-se calada, sendo assim bem vista aos olhos do marido (TORRES, 2001).

Em Roma, os homens apresentavam-se como o chefe da família, e eram os únicos que poderiam desenvolver uma atividade pública, enquanto a mulher tinha o papel de senhora da casa e deveria desenvolver suas atividades nesse âmbito particular (GUERRA, 2001).

E, de uma forma geral, não restam dúvidas de que a sociedade romana se centrava na figura do homem. Não era só pelo facto de só ele participar em actos da vida política, nas assembléias, no senado, nas magistraturas, mas também porque, ao âmbito familiar era um homem que presidia e assumia juridicamente uma função proeminente. Por isso, o papel da mulher se poderia definir, em determinada perspectiva, como subsidiário ou mesmo inferior. (GUERRA, op. cit., p. 106-107).



Sobre as mulheres romanas, pode-se dizer ainda, que passavam a vida sob a mão de tutores, o primeiro sendo o pai, e ao casar-se, seria o seu marido. Cabe a mulher presidir o trabalho dos escravos, orientar a educação dos filhos e compartilhar do trabalho e das preocupações do esposo (BEAUVOIR, 1970).

Durante o período da Idade Média, a maioria das idéias e conceitos eram elaborados pelos eclesiásticos, estes apresentavam então uma visão dicotômica da mulher, e a apresentavam de duas formas: como Eva, a culpada pelo pecado original, e como a virgem Maria, a mãe do redentor dos pecados (PRATAS, 2009).

A visão negativa da mulher, como encarnação do mal, devido o pecado original de Eva, perpassou grande parte do período medieval. No entanto, durante o século XIII, uma corrente de teólogos, tais como: Tomás de Aquino, Alberto Magno, João Duns Escoto, trouxeram para o período pensamentos positivos em relação à mulher. Tais pensadores desenvolveram o culto de veneração à Virgem Mãe de Deus, mostrando assim a mulher como ser humano, criado também por Deus, escolhida por Ele para ser a mãe de seu filho e capaz de adquirir grandes virtudes. As mulheres passaram a se inspirar no modelo de Maria, a mãe de Deus, e buscavam viver uma vida santa, abrigando-se nos conventos, e procurando ajudar aos pobres e doentes (SOUSA, 2004).

Assim como a antiguidade greco-romana, a Idade Média foi um período dominado predominantemente por homens, no caso, os senhores feudais, padres, monges e cavaleiros, no entanto, algumas mulheres conseguiram exercer funções importantes fora do lar, conquistando o status de rainhas, abadessas, e dirigentes empresariais. Entretanto essa conquista de status superior restringia-se às mulheres de classe alta, enquanto as de classe inferior cuidavam do lar, ou ajudavam seus maridos em atividades como agricultura, artesanato, tecelagem. A regra dominante nesse período era que a mulher deveria ser submissa ao pai ou ao marido, e tutelada juridicamente, uma vez que a legislação desse período reconhecia a incapacidade jurídica das mulheres (SOUSA, 2004).

Outra visão presente no final da Idade Média, e que ainda apareceu na Idade Moderna, sobre a mulher como figura demoníaca e ligada ao pecado, estava representada na figura das chamadas bruxas. As bruxas eram mulheres consideradas ligadas ao demônio por conseguirem realizar alguns tipos de “curas” de malefícios do corpo ou da mente, ou também por se envolverem com alguns fenômenos entendidos como sobrenaturais, relativos à intuição, sonhos e premonições. Estas mulheres acabavam sendo torturadas e queimadas, vistas pela Igreja e por outras instituições dominantes como um perigo para a sociedade (ZORDAN, 2005).

O que a figura da bruxa ensina é um certo modo de enxergar a mulher, principalmente quando esta expressa poder. Ao longo de muitas eras da civilização patriarcal, a lição predominante sobre as mulheres que fazem uso de poderes ou que se aliam a forças que, de um modo ou de outro, a máquina civilizatória não consegue domar é bem conhecida de todos. Toda expressão de poder por parte de mulheres desembocava em punição. (ZORDAN, op. cit., p. 332).

Na Idade Moderna, segundo Bauer (apud BERTOLDO; PASQUAL, 2010), devido à progressiva perda de espaço para os homens nos ofícios que exercia fora de casa, a mulher teve que se recolher ainda mais às paredes do seu lar, surgindo então a idéia da mãe responsável, dedicada a seus filhos, e o homem ficou como único encarregado a trabalhar fora e sustentar a família.

A filosofia iluminista emitiu um pensamento sobre a mulher, enfocando as diferenças fisiológicas e também intelectuais que separam os dois sexos:

Para eles, homem e mulher são seres complementares, mas, nesta relação de complementaridade, os homens manifestam-se superiores às mulheres. Assim, no homem, domina a razão; na mulher, predomina o útero, que define a sua personalidade, toda a sua maneira de pensar e de agir. Essas idéias estão bem claras nas obras de Rousseau, principalmente no Emílio ou da Educação, assim como no livro do médico e filósofo Pierre Roussel, intitulado Sistema Físico e Moral da Mulher, publicado em 1775, e que tornou-se uma referência para os estudiosos daquela época. (SOUZA, 2003, p.112).

Durante o período da Revolução Francesa, algumas mulheres tentaram romper com a filosofia dominante que as obrigava a ficar em casa, reclusas e dedicadas às tarefas do lar, e longe dos cenários dos acontecimentos públicos. Elas foram à luta em busca de alcançarem direitos civis e cidadania política. Alguns direitos civis foram alcançados, tais como o direito ao divórcio, e a criação do casamento civil diante um representante do Estado, mas grande parte destes direitos foi abolida da legislação francesa por Napoleão Bonaparte, com o intuito de fortalecer o poder paterno e tornar a mulher incapaz juridicamente mais uma vez. Quanto à cidadania política, as mulheres só a conquistaram no século XX (SOUZA, 2003).

Com a Revolução Industrial, as mulheres começaram a ser incorporadas ao corpo de trabalho das fábricas. Passaram então a sair de suas casas e trabalhar fora, junto com os homens. No entanto, a situação das mulheres não melhorou, uma vez que eram submetidas a longas horas de trabalho e recebiam uma remuneração menor que a recebida pelos homens (THOMPSON, 1989). Com esse ingresso no mercado de trabalho, as mulheres passaram a lutar pela igualdade de direitos e pela liberdade no universo feminino, aumentando assim a força dos movimentos feministas (FUCHINA; LUZ, 2009).

Beauvoir (1970, p. 15) nos diz que “o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens.” Entretanto, embora nas sociedades e épocas apresentadas, a diferença dos papéis sociais entre homens e mulheres fosse bastante acentuada, e a mulher

fosse vista como um sexo inferior, não há dúvidas que algumas mulheres conseguiram destaque em cada época. Alguns exemplos que podem ser citados são: Hatshepsut, no Egito antigo a primeira faraó mulher da história (CARREIRA, 2001); na mitologia grega, a mulher nas figuras das deusas: Hera, Atena, Afrodite, entre outras (BRANCO, 2005); Agripina Maior e Agripina Menor, que não se deixaram intimidar pela interdição exercida pelos homens e exerceram papéis ativos no poder de Roma Antiga (RODRIGUES, 2008); as mulheres que alcançaram o status de sacerdotisas e abadessas, na Idade Média (SOUSA, 2004); na Revolução Francesa destacaram-se dois nomes: Maria Antonieta e Charlotte Corday (SOUZA, 2003). Essas são apenas algumas das que podem ser citadas nessa lista, muitas outras não tiveram seu papel reconhecido na história uma vez que esta era escrita em sua maioria, pelos homens.

### **1.1 Diferença entre os sexos: Raízes dessa história no Brasil**

A história do Brasil também é marcada pela ordem patriarcal, que apoiada pela religião cristã ocidental, transmitiu o silêncio e a inferioridade das mulheres nas esferas sociais. Sendo assim, a mulher brasileira dos séculos passados era subordinada ao seu pai ou marido, sendo ensinada a ser boa mãe e esposa, e carregando o estigma da fragilidade (OLIVEIRA, 2008).

Na chegada dos portugueses em solos brasileiros, observou-se que já havia uma divisão sexual do trabalho entre as tribos indígenas, onde os homens eram responsáveis por desbravar o terreno e prepará-lo para o cultivo, enquanto as mulheres semeavam e colhiam. Ao entregarem instrumentos de ferro aos índios, os portugueses melhoraram o equipamento técnico apenas dos homens, uma vez que as mulheres índias eram afastadas desses negócios e continuaram a usar os velhos instrumentos de trabalho, ficando limitadas a um tipo de agricultura primitiva. Os homens índios passaram a desprezar a lavoura, que ficou entregue às mulheres, e dedicaram-se às atividades consideradas mais nobres como a caça, a pesca e a guerra tribal. As mulheres nessa sociedade indígena eram proibidas de presenciarem as cerimônias mais solenes, como o conselho tribal, e estavam afastadas de qualquer posição de chefia (VELOSO, 2000).

No período colonial, o homem atuava como um ser livre, ao passo que a mulher era vista como um instrumento de satisfação sexual, o que criava um padrão duplo de moralidade. Ao homem era permitido desfrutar do convívio social, enquanto a mulher só ia ao convívio social em situações especiais, acompanhada do marido, e no cotidiano deveria cuidar dos

afazeres do lar, dedicar-se aos filhos e dar ordens às escravas (FREYRE, 1977). Os homens possuíam o direito de escolher suas relações amorosas, e no caso dos homens casados o adultério era ignorado, pois era visto como coisa de homem. As mulheres não tinham tal liberdade e só podiam casar se possuíssem dote e garantia de “integridade física”. Essas mulheres estavam destinadas ao casamento (PRADO JÚNIOR, 1996).

Entretanto, sobre a situação das mulheres nesse período, Cerdeira (2004) nos aponta que:

Contudo, deve-se ressaltar que havia, na sociedade escravocrata brasileira, uma aceitação total por parte das mulheres, fossem elas ociosas ou trabalhadoras, de sua posição submissa perante a figura masculina, tanto dentro da família como na sociedade em geral. (CERDEIRA, op. cit., p. 05).

Neste cenário pode-se observar que a submissão feminina não é relativa apenas ao gênero, mas também a questão econômica e cultural. Na condição da escravatura, onde não havia sujeito, os indivíduos independente do sexo tinham sua liberdade tolhida, pertencendo a um senhor. No concernente as mulheres, as brancas das classes mais altas eram mantidas reclusas em casa, as escravas negras, trabalhavam na casa grande e nas lavouras, e as brancas das camadas mais pobres precisavam trabalhar para ajudar nas despesas, adentrando no espaço público, trabalhando como cozinheiras, lavadeiras, dentre outras funções (FREYRE, 1984).

A situação das mulheres sofre modificações com a chegada da família real e toda a corte portuguesa. As mulheres das classes mais altas passaram então a frequentar festas, teatro e a igreja, aumentando suas possibilidades de contatos sociais. Para aprender a ser mais agradável nessas situações, passaram a receber instruções além da sua educação doméstica. Para tanto, aprendiam em suas residências a ler e a escrever, tocar piano e outras atividades consideradas importantes para as mulheres da elite da época (CERDEIRA, 2004).

Durante esse início do século XIX, com a mulher frequentando bailes, cafés e outros ambientes públicos, sua conduta passa a ser vigiada pelos pais, maridos e por toda a sociedade, ficava então submetida a olhares atentos quanto a sua educação e boa conduta. Nesse período a idéia de que ser mulher é ser mãe dedicada e atenciosa é bastante reforçada pela igreja, e por esse motivo a mulher deveria ser uma mãe cuidadosa, uma excelente dona de casa, amar incondicionalmente seu marido, e a ele ser fiel. Os casamentos nas camadas mais altas eram impostos pelos pais, de acordo com interesses políticos ou econômicos. Quanto às mulheres das camadas mais pobres, de acordo com a literatura da época, estas tinham mais possibilidades de casar com pessoas escolhidas por elas, uma vez que os interesses socioeconômicos eram quase sempre inexistentes (PINTO, 2008).

O movimento abolicionista representado por homens e mulheres e com muitos intelectuais envolvidos, ganha força a partir da Revolução Industrial ocorrida na Europa e a expansão do capitalismo. A partir de muitas lutas, ocorre uma evolução que culmina com leis que promulgam gradualmente a libertação dos escravos, até alcançar a chamada Lei Áurea e a extinção do tráfico de negros no território brasileiro. Esse fato transforma o escravo em homem livre, enquanto as mulheres negras ganham a carta de alforria, mas assim como as brancas continuam sem direitos, ainda mais por carregarem o peso da cor negra (CERDEIRA, 2004).

Nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, a idéia da Nova Mulher, difundida inicialmente na Europa, começava a se difundir aqui no Brasil. De acordo com essa idéia, as mulheres deveriam ter mais liberdade, contestando a moral sexual vigente na época, e ocupando postos de trabalho fora de casa. No entanto, esse movimento foi recriminado pelo discurso dominante da época que tentava reforçar os estereótipos femininos clássicos (PINTO, 2008).

A partir da instalação das indústrias e da urbanização, ocorridas no final do século XIX, a expansão do mercado demanda maior quantidade de mão de obra. Devido essa necessidade, há a identificação da mão de obra excedente, representada no grupo de mulheres, que se configurava como mais lucrativa por receberem menores salários. Com essa inserção no mercado de trabalho, ainda que tímida, as mulheres passaram a buscar o direito a instrução e vão ocupando novos espaços fora do lar, trabalhando em fábricas, escritórios, lojas (CERDEIRA, 2004).

Ao mesmo tempo, pode-se dizer que,

Nesse contexto, com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Enquanto o mundo do trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como o ninho sagrado que abrigava a “rainha do lar” e o “reizinho da família”. Diante do crescimento urbano vertiginoso de muitas cidades brasileiras, com um grande contingente de trabalhadores concentrados nos bairros operários, o mundo público acabou sendo considerado um espaço ameaçador para a moralidade das mulheres e das crianças. (PINTO, 2008, p.9).

Assim, a partir do momento em que as mulheres passaram a representar uma parte significativa da força de trabalho empregada, muitas vezes se constituindo como a maioria da mão de obra da indústria têxtil, começaram também a se engajar nas lutas sindicais, em defesa de melhores salários e melhores condições de saúde e higiene no trabalho. Começando a surgir também no Brasil, movimentos feministas com o intuito de lutar pela inclusão das mulheres à cidadania (COSTA, 2005).

A mulher brasileira, assim como as outras, progressivamente passou a buscar seu espaço na sociedade e livrar-se da dominação masculina sobre suas escolhas e seu caminho. Em um mundo que exige cada vez mais a força de trabalho produtiva, a invenção da pílula anticoncepcional, nos anos 50, e sua propagação nos anos 60, revolucionou a vida das mulheres, uma vez que possibilitou que a mulher passasse a ter controle do seu próprio corpo e das taxas de natalidade, assim como a quebra dos paradigmas da sexualidade, já que a idéia de iniciação sexual apenas depois do casamento deu espaço para a liberdade das relações antes do matrimônio. Com essa liberdade nas relações, e com o espaço conquistado no mercado de trabalho, o casamento deixa de ser o elemento mais importante para a garantia de sustento da mulher (LUZ; FUCHINA, 2009).

No Brasil, pode-se observar o aumento progressivo do número de mulheres no mercado de trabalho. Estas ocupam cargos importantes, e buscam a qualificação e capacitação profissional. No entanto, mesmo com a conquista do mercado profissional, sua imagem não é desvinculada da imagem da dona de casa, cuidadora do lar, do marido e dos filhos, o que a faz cumprir uma jornada dupla de trabalho.

## **1.2 O feminino entre fases e faces**

Tantas formas de ver a mulher como submissa e inferior ao homem nos faz refletir sobre a razão de tal concepção. O que ocasionou essa visão da mulher como ser inferior, e até mesmo incapaz diante de um homem tão superior e poderoso? Onde está a raiz dessa diferença entre os sexos?

A diferença entre os sexos no tocante ao biológico foi tomada como fato pela filosofia e pela ciência. No entanto Laqueur (2001) aponta que no século XVIII o modelo científico dominante era o modelo do sexo único. Tal modelo era inspirado na filosofia de Galeno, e via a mulher como um homem invertido e inferior. O termo invertido referia-se ao fato de que a mulher era concebida como portadora dos mesmos órgãos sexuais dos homens, mas estes estavam voltados para dentro. Assim, o escroto, os testículos, o pênis e o prepúcio, eram representados na mulher pelo útero, ovário, vagina e vulva, respectivamente. Acreditava-se que a mulher era inferior por ser concebida como um homem imperfeito, já que lhe faltavam a força e a intensidade do calor vital, este último sendo considerado o responsável por fazer evoluir a forma superior do macho com a exteriorização dos órgãos genitais.

Apenas a partir do final do século XVIII, a evolução nos campos científicos da anatomia demarca a visão da bissexualidade, ocorrendo a mudança desse conceito de sexo

único para o modelo científico dos dois sexos. Tal modificação demonstra a diferença entre os corpos masculinos e femininos, associando esse último a metáforas negativas e patológicas (LAQUEUR, 2001).

Já no que se refere aos papéis referentes aos dois sexos no ato da reprodução, as opiniões variaram bastante. Inicialmente acreditava-se que apenas a mãe participava da reprodução. Com a sociedade patriarcal esse papel é invertido e passa-se a atribuir ao pai o papel de criador, cabendo à mãe o papel de apenas carregar e alimentar a semente viva. Nesse pensamento, Aristóteles traz a teoria que perdurou da Idade Média até meados da Idade Moderna, de que o feto é produzido no encontro do esperma, representando o princípio masculino, sinal de força, atividade, vida, com a menstruação, que seria uma matéria passiva fornecida pela mulher. Tal teoria assemelha-se a de Hipócrates, que reconheceu os sêmens em duas espécies, sendo um fraco, no caso o feminino, e um forte, o masculino (BEAUVOIR, 1970).

Muitas teorias foram criadas na tentativa de comprovar o papel de cada sexo na reprodução, e em sua grande maioria, partiam do princípio de que o sexo masculino era o que exercia papel fundamental no processo. Só com a descoberta do microscópio, no século XIX, é que se pode estudar cada gameta e descobrir a participação de cada um no processo de reprodução. Mesmo assim, com a descoberta do óvulo como princípio ativo, ainda ocorreu comparações quanto a sua inércia oposta à agilidade do espermatozóide (BEAUVOIR, 1970).

No tocante à questão das diferenças socioculturais, esta esteve muito ligada à questão das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Beauvoir (1970) traz o fato de que:

A mulher é mais fraca do que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, não há quase nenhum esporte em que possa competir com êle; não pode enfrentar o macho na luta. (Beauvoir, op. cit., p. 54-55).

Ainda segundo Beauvoir (1970), o corpo da mulher se configura como um dos elementos essenciais da situação em que ela se encontra no mundo, no entanto, não é apenas ele que a define. Há outros fatores de valor econômico, ontológico, psicológico e social que definem essa situação.

A Igreja, com seus ensinamentos e com o Evangelho, contribuiu notoriamente para a visão da mulher como submissa ao homem:

São Paulo exige das mulheres discrição e modéstia; baseia, no Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem. "O homem não foi tirado da mulher e sim a mulher do homem; e o homem não foi criado para a mulher e sim esta para o homem." E alhures: "Assim como a Igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetam-se as mulheres a seus maridos". (BEAUVOIR, 1970, p.118).

Assim, o pensamento religioso perpetuou a idéia de que a mulher deve se fazer obediente ao seu marido, uma vez que este possui a inteligência concebida por Deus para guiar os seus caminhos. Santo Tomás (apud BEAUVOIR, 1970, p. 119) escrevia citando as epístolas de São Paulo, que “O homem é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça do homem”.

De acordo com Shields (apud POESCHL; MÚRIAS; COSTA, 2004), a partir da propagação do modelo de organização familiar da burguesia industrial, surgiram diversas teorias com o objetivo de explicar e justificar a diferença entre os sexos na sociedade. Algumas dessas teorias citadas referem-se a: craniometria, que encontra uma relação entre o tamanho do cérebro e o sexo, e tenta provar a inferioridade das mulheres baseando-se nessa diferença; a frenologia, com o pensamento de que as mulheres são dominadas por “instintos e emoções”, enquanto estas manifestações encontram-se inibidas no homem devido a sua inteligência superior; a maior frequência de homens em posição de poder, e de gênios do sexo masculino, fato que tenta demonstrar a inferioridade intelectual feminina; e também a questão da diferença da morfologia entre os sexos, que explicaria as diferenças de inteligência, temperamento e aptidões.

Engels (apud BEAUVOIR, 1970) em *A Origem da Família* aponta o fato de que a inferioridade da mulher em relação ao homem surge com o aparecimento da propriedade privada. A partir do momento em que o homem descobre os instrumentos de ferro e bronze, aperfeiçoa seus trabalhos e passa a ter objetivos diferentes dos quais a mulher acaba ficando excluída. Mais tarde se torna proprietário da terra e dos escravos, e torna-se também proprietário da mulher. Surge também nesse momento, o direito paterno, advindo assim, a sociedade patriarcal, e a mulher passa a ser oprimida. No entanto, Engels não aponta claramente como isso ocorreu e como a propriedade privada acarretou essa escravização da mulher, e reduz o conflito entre os sexos a um conflito entre classes.

De igual modo é impossível *deduzir* a opressão da mulher da propriedade privada. Ainda aqui a insuficiência do ponto de vista de Engels é manifesta. Êle compreendeu muito bem que a fraqueza muscular da mulher só se tornou uma inferioridade concreta na sua relação com a ferramenta de bronze e de ferro, mas não viu que os limites de sua capacidade de trabalho não constituíam em si mesmos uma desvantagem concreta senão dentro de dada perspectiva. (BEAUVOIR, op. cit., p. 77).

Outra possível razão apontada por Beauvoir (1970) como causa da submissão feminina, vem da comparação com outros grupos que aparecem subjugados, como os negros, os judeus, entre outros. A causa para a subjugação desses grupos, muitas vezes, é apontada pelo fato de estarem em minoria numérica, em relação aos seus opressores, no entanto, as



mulheres se encontram em par de igualdade com os homens na questão quantidade, e muitas vezes são maiores em número do que seus opressores. Mas, ao contrário desses outros grupos de oprimidos, as mulheres não apresentam interesses em comum entre si, nem uma solidariedade umas com as outras, capaz de fazê-las lutar em maioria contra os homens, pois apresentam interesses econômicos ou sociais junto a estes últimos, tendo em vista que são estes, os homens, que as sustentam numa determinada posição, sendo seus maridos ou pais (BEAUVOIR, op. cit.).

Quanto a essa questão da diferença entre os sexos, a psicanálise traz uma visão que concebe masculino e feminino como algo além do corpo biológico. Para Freud, o corpo biológico determina se uma criança é macho ou fêmea, mas o que determinará se ela se tornará homem ou mulher serão suas identificações na travessia do complexo de Édipo.

Enquanto Lacan (1985) aponta que a divisão do sujeito perante o sexual é uma divisão representada por uma posição subjetiva relacionada a dois gozos: um todo fálico, e outro não-todo. Assim, para Lacan a forma como o sujeito se coloca diante da castração e do falo, é o que determina a sua posição masculina ou feminina.

A psicanálise preconiza então que:

As constatações possíveis de se fazer pela observação do exterior, bem como do interior do corpo humano, permanecem para nós sem valor, pois o que se trata de apreender não é uma diferença entre órgãos ou cromossomos que determinam nossa configuração, mas uma diferença de sexos – esse termo designando aqui, para além da materialidade da carne, o órgão aprisionado na dialética do desejo, e dessa forma “interpretado” pelo significante. (ANDRÉ, 1986, p. 11).

E ainda que:

Ninguém nasce homem, ou mulher; tornamo-nos homens ou mulheres, ao fim de um percurso que exige de cada um o abandono das disposições bissexuais primárias, das potencialidades polimorfos, da discriminação infantil. O inconsciente se é todo sexual, não é sexuado. (KEHL, 1996, p. 12-13).

Assim, a psicanálise instaura uma nova diferenciação entre masculino e feminino, levando em consideração outras características para além das biológicas e das defendidas por outros campos de saberes. A descoberta do inconsciente freudiano marca uma ruptura com o ser da razão e o sujeito passa a ser entendido pelo estatuto da falta e dividido em seu desejo.

## 2.O SUJEITO E O FEMININO: CONSIDERAÇÕES DA PSICANÁLISE

A psicanálise instaura uma visão do ser humano para além da indicação do corpo biológico de homem ou mulher. Para isso constata então que a diferença entre os sexos a nível de anatomia não significa, ao nível do inconsciente, uma divisão entre os sexos, haja vista que “não há significante do sexo feminino” no inconsciente (LACAN apud ANDRÉ, 1986, p. 26).

Em uma nota de rodapé, presente em sua obra *Três ensaios sobre Sexualidade*, Freud (1905) aponta que existem três sentidos para os conceitos de masculino e feminino, que concernem ao sentido de atividade e passividade, respectivamente, associados a perspectiva biológica, e a sociológica, destacando o primeiro desses sentidos como essencial e mais utilizável na psicanálise. Freud apresentou a sexualidade humana como um conceito que envolve para além do significado biológico marcado pelos caracteres sexuais primários e secundários. O conceito atividade e passividade para a diferenciação entre os sexos será trocado pela oposição fálico e castrado, a partir da introdução da fase fálica, concebida por Freud, no processo de desenvolvimento da sexualidade infantil (VALENÇA, 2003).

Uma das problemáticas fundamentais tanto da teoria quanto da clínica psicanalítica é o Complexo de Édipo. Esse aparece como fator estruturante na constituição do sujeito, uma vez que aparece como “complexo nuclear” das neuroses e como um ponto decisivo na sexualidade humana, no processo de sexuação (MOREIRA, 2004).

### 2.1 O Édipo em Freud

Freud revolucionou a sociedade da época ao trazer a tona o tema da sexualidade infantil, descrevendo-a nos *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905), e mudando a visão que se tinha da criança como ser puro e desprovido de desejos e conflitos. A partir da percepção de que muitos dos conflitos adultos tinham origem na infância e que havia conteúdo sexual envolvido, sua visão passou a dar ênfase a essa questão.

No entanto, o conceito Complexo de Édipo só surgiu no texto *Um tipo de escolha de objeto feita pelos homens* (FREUD, 1910), e descrevia não os desejos da criança em sua infância, mas uma nova situação vivida na fase da puberdade.

A partir das suas observações, Freud vai desenvolvendo o conceito até o complexo adquirir a forma pela qual o conhecemos hoje. Como sua teoria foi desenvolvida ao mesmo tempo em que a clínica, percorrer todo o trajeto do desenvolvimento do Complexo de Édipo

significaria percorrer quase toda a sua obra, portanto aqui serão abordados apenas seus aspectos mais essenciais e relevantes.

Uma visão geral do complexo mostra-nos que ele está situado na infância e que se constitui no conjunto das relações que a criança estabelece com suas figuras parentais, relações estas que estão na composição das representações e dos afetos inconscientes e, que são fundamentais na construção da subjetividade. O complexo reflete um “enamorado” pelo pai do sexo oposto, e uma rivalidade pelo do mesmo sexo que a criança.

O período que antecede o Complexo de Édipo representa uma fase de grande investigação sexual, despertando na criança grande interesse por seus órgãos genitais, e pelos órgãos dos que convivem ao seu redor. Em *Sobre as teorias sexuais das crianças*, Freud (1908) descreve o modo pelo qual as crianças são instigadas a investigar a respeito dos assuntos sexuais. A questão da diferença entre os sexos, não aparece para as crianças como enigma inicial na investigação sexual, uma vez que para elas o pai e a mãe lhe aparecem como seres distintos desde o início devido a diferenças designadas por sinais externos.

Nesse momento de curiosidade, a criança leva em consideração a existência de apenas um órgão genital, o masculino, o que se configura como uma primazia do falo, e passa a distinguir os seres animados dos inanimados a partir da presença ou não de um órgão sexual (FREUD, 1908).

A criança do sexo masculino descobre o prazer que pode retirar da manipulação do seu órgão sexual, e descobre que tal ato não é aceito pelos adultos:

Quando o interesse da criança (do sexo masculino) se volta para os seus órgãos genitais, ela revela o fato manipulando-os freqüentemente, e então descobre que os adultos não aprovam esse comportamento. Mais ou menos diretamente, mais ou menos brutalmente, pronunciam uma ameaça de que essa parte dele, que tão altamente valoriza, lhe será tirada. Geralmente, é de mulheres que emana a ameaça; com muita freqüência, elas buscam reforçar sua autoridade por uma referência ao pai ou ao médico, os quais, como dizem, levarão a cabo a punição. (FREUD, 1924, p.194).

Nos meninos a observação da região genital de uma menina juntamente com as ameaças de castração recebidas, coloca diante deles a possibilidade dessa castração realmente se efetivar. Enfim, a castração coloca diante deles o medo de perder seu pênis e o lugar perto da mãe. Ele acaba se colocando em uma dessas reações perante a criatura do sexo oposto: “horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante por ela” (FREUD, 1925, p. 281).

Freud apresenta diferenças entre o Édipo da menina e do menino. Afirma em *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), que “Enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (FREUD, op. cit., p. 285).

As meninas se comportam diferentemente dos meninos, podendo reconhecer-se como não tendo o pênis, mas querendo tê-lo. Pode-se observar aqui a problemática da estrutura histórica, uma vez que “os históricos são uns militantes do ter” (DOR, 1997, p. 67).

Freud (1925) descreve na menina a inveja do pênis, que pode trazer as seguintes consequências: o sentimento de inferioridade, desprezando o sexo feminino; um afrouxamento da relação afetiva da menina com a sua mãe, colocando sobre essa mãe a culpa por não ter um pênis; e por último o abandono da sexualidade clitoridiana. A castração aparece aí como um ponto no qual ela não pode competir com os meninos, visto que não se apresenta como ameaça, mas como fato consumado. Assim o reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força a menina a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, buscando novas linhas que a conduzirão ao desenvolvimento da feminilidade. A menina posteriormente abandona o desejo de ter um pênis e começa a desejar ter um filho com o seu pai, tomando este pai como objeto de amor e a mãe como objeto de ciúmes.

Sobre o Complexo de Édipo nas meninas, Freud afirma que “Deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna (insight) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago” (FREUD, 1924, p. 199).

Acontece então a dissolução do Complexo, ele acaba sucumbindo à regressão e se segue o período de latência (FREUD, 1924). Nesse período de latência há uma inibição das pulsões sexuais, a criança então desperta a curiosidade para outras questões diferentes da sexualidade.

A partir de Freud o entendimento da constituição do sujeito, passa pela compreensão do Complexo de Édipo, uma vez que esse processo vai determinar suas futuras escolhas objetais e através dele o sujeito vai estabelecer suas identificações. É pelo atravessamento do Complexo de Édipo que o sujeito vai se posicionar na partilha dos sexos.

## **2.2 O Édipo em Lacan**

Lacan divide o Complexo de Édipo em três tempos, que indicam possibilidades diferentes para a relação com a castração e com o campo do Outro (JULIEN, 2002). A relação entre mãe e criança precisa de uma mediação feita pelo pai, no sentido de mostrar a criança que o desejo de sua mãe está para além dela. O pai aparece aqui como aquele que priva a mãe do objeto do seu desejo, ou seja, o falo, desempenhando assim, um papel essencial no desenrolar do Complexo de Édipo (ALVARENGA, 2006).

Em Os três tempos do Édipo (1975), Lacan afirma que:

A primeira relação de realidade desenha-se entre a mãe e o filho, e é aí que a criança experimenta as primeiras realidades de seu contato com o meio vivo. É para desenhar objetivamente essa situação que fazemos o pai entrar no triângulo, embora, para a criança, ele ainda não tenha entrado. (LACAN, op. cit., p. 186).

O primeiro tempo do Édipo é marcado pela relação fusional entre a mãe e a criança. O filho é identificado com o falo materno e aparece para a mãe como um Outro onipotente. Sobre a criança ela “busca, como desejo de desejo, é poder satisfazer o desejo da mãe, isto é, *to be or not to be* o objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1975, p. 197). O pai aparece aqui de forma velada, através do discurso materno, e fica fora da relação mãe-criança.

Lacan (1975), afirma:

No primeiro tempo e na primeira etapa, portanto, trata-se disto, o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe. Essa é a etapa fálica primitiva, aquela em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei. Mas a criança, por sua vez, só pesca o resultado. Para agradar a mãe, se vocês me permitem andar depressa e empregar palavras figuradas, é necessário e suficiente ser o falo. (LACAN, op. cit., p. 198).

A característica do segundo tempo refere-se à intervenção de um terceiro que vem introduzir a lei da interdição à relação fusional da mãe com o seu filho. Essa interdição faz com que a criança se depare com a questão da falta, já que começa a perceber que sua mãe não é totalmente sua, que o desejo dessa mãe vai além dessa criança. Pode-se considerar que é este segundo tempo que toma a forma do Édipo freudiano propriamente dito (JULIEN, 2002).

Nesse momento, a criança começa a imaginar que o falo da mãe é o pai, tratando-se aqui de um falo imaginário, que não circula e que torna o pai onipotente e privador.

Em Lacan (1975), aparece que:

É nesse nível que se produz o que faz com que aquilo que retorna à criança seja, pura e simplesmente, a lei do pai, tal como imaginariamente concebida pelo sujeito como privadora da mãe. Esse é o estádio, digamos, nodal e negativo, pelo qual aquilo que desvincula o sujeito de sua identificação liga-o, ao mesmo tempo, ao primeiro aparecimento da lei, sob a forma desse fato de que a mãe é dependente de um objeto, que já não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem. (LACAN, op. cit., p. 199).

O terceiro tempo do Édipo aparece como aquele onde o pai real surge como agente da castração simbólica, permitindo à criança a saída do Complexo de Édipo (JULIEN, 2002).

Lacan, assim como Freud, também aponta diferenças entre o declínio do Édipo nos meninos e nas meninas, posto que nos primeiros fica a questão da virilidade, sendo que algo adiante será contestado a ele, devido a alguma questão que não tenha sido elaborada completamente com a identificação metafórica com a imagem do pai. Já a menina não

necessita fazer tal identificação, e não revoga seu direito à virilidade, uma vez que ela sabe onde deve buscá-la, ou seja, ao lado do pai (LACAN, 1995).

### 2.3 “O tornar-se mulher”<sup>1</sup>

Com o entendimento de que para a psicanálise, os processos de constituição da identidade sexual do homem e da mulher não são determinados pela realidade biológica mas através de um processo de sexuação atrelado ao complexo de castração e ao Édipo, pode-se situar como cada sexo vem a se constituir.

Em *A organização genital infantil*, Freud (1923) introduz a fase fálica, com isso passa a priorizar a castração como fator estruturante do psiquismo e da identidade sexual do sujeito. Nesse momento a atividade-passividade como lugar da diferença sexual, dá lugar à oposição fálico e castrado, que se torna o princípio para a diferenciação das posições masculina e feminina.

Na constituição do Édipo no menino, Freud (apud VALENÇA, 2003) identificou uma possível orientação dupla. Podendo-se encontrar o menino numa posição ativa quando se coloca no lugar do pai, tomando a mãe como objeto de amor, assume aqui a posição masculina, ou numa posição passiva, quando toma o lugar da mãe para ser amado pelo pai, estando assim numa posição feminina.

No decorrer de sua obra, Freud nos alerta para o fato da complexidade em descrever o Complexo de Édipo nas meninas, uma vez que ao contrário dos meninos, elas carregam a evidência da castração no corpo. E traz a dificuldade de se estabelecer no desenvolvimento das meninas o motivo pelo qual elas abandonam o Complexo de Édipo. Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), afirma:

Nas meninas está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim, esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres. (FREUD, op. cit., p. 286).

No texto *Sexualidade Feminina*, Freud (1931) cita o fato de que muitas meninas não abandonam seu primeiro objeto amoroso, no caso a mãe, e ficam assim sem deslocar o objeto para a figura do pai, fato que o levou a pensar sobre as implicações da fase pré-edípica na

---

<sup>1</sup> ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, p. 23.

constituição das mulheres. Sobre isso, ele revela que:

Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase. Há muito tempo, por exemplo, observamos que muitas mulheres escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe. (FREUD, op. cit., p. 238-239).

No mesmo texto, ele aponta os efeitos do complexo de castração para o desenvolvimento da sexualidade da mulher, que podem se dar de três formas: como uma repulsa à vida sexual, uma tentativa de afirmar a sua “masculinidade”, e por último como o desenvolvimento da feminilidade (FREUD, op. cit.).

Em sua conferência *Feminilidade* (1933), o pai da psicanálise aponta o ato de tornar-se mulher como um processo mais difícil e complexo do que para os meninos. Essa complexidade refere-se ao fato de que nesse processo a menina precisa mudar o seu objeto de amor, da mãe para o pai, e, além disso, precisa deslocar a zona erógena do clitóris para a vagina. Enquanto isso o menino para tornar-se homem permanece com o mesmo objeto de amor e a mesma zona erógena.

Retornando às questões sobre a fase pré-édipica nas meninas e as razões pelas quais a menina abandona o Complexo de Édipo, nessa conferência Freud (1933) reafirma a intensidade do relacionamento da menina com sua mãe e os motivos que põe fim a essa relação. O motivo apontado como principal causador da hostilidade da menina para com sua mãe refere-se ao fato de que ao se reconhecer como castrada ela entende que a responsável por sua falta é a mãe, voltando-se contra ela e buscando adquirir o que lhe falta junto ao pai, seu novo objeto amoroso. É a fase pré-édipica que se estabelece como fundamental para o desenvolvimento da mulher devido ao fato de que nessa fase “que são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função social e realizará suas inestimáveis tarefas sociais” (FREUD, op. cit., p. 133).

Freud atribui às mulheres uma maior quantidade de narcisismo, sendo mais forte para ela a necessidade de ser amada do que de amar. Além disso, atribui a vaidade e a vergonha feminina um status de efeito ocasionado pela inveja do pênis.

A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, do modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua inferioridade sexual original. A vergonha, considerada uma característica feminina *par excellence*, contudo, mais do que se poderia supor, sendo uma questão de convenção, tem assim acreditamos, como finalidade a ocultação da deficiência genital. (FREUD, 1933, p. 131).

A feminilidade, objeto dessa conferência de Freud, se apresenta como um vir-a-ser e não como um ser. Podendo significar para Freud, o fato de que algumas meninas podem nunca chegar a tornarem-se mulheres, permanecendo como homens no plano psíquico (ANDRÉ, 1986).

Freud não dá como encerradas as considerações feitas acerca da feminilidade e a nomeia de “continente negro”, reconhecendo que seus ensinamentos a respeito do tema se configuram como incompletos, uma vez que encerra sua conferência dizendo que,

Isto é tudo o que tinha a dizer-lhes a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável [...] Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes. (FREUD, 1933, p. 134).

Enquanto para Freud a menina dispõe apenas da referência à castração para se tornar mulher, sendo que “o furo do sexo feminino é inteiramente recoberto, inteiramente “eufemizado” pela castração” (ANDRÉ, 1986, p.27), para Lacan,

É evidente que essa observação não basta, ficando o sujeito, aí, condenado a se deter na inveja do pênis. Para Lacan, entre o furo e a castração, a relação não é de um simples recobrimento. Isso por um motivo que a lógica do significante permite estabelecer: o furo não deve ser considerado como anterior ao significante que vem nomeá-lo (e malográ-lo). O furo não aparece como tal senão pelo significante que recorta suas bordas e o produz como seu exterior. (ANDRÉ, op. cit., p. 27).

Lacan postula no *Seminário XX, Mais ainda* (1985 apud ANDRÉ, 1986), a sexualidade feminina concebida para além da questão da inveja do pênis, a partir da existência de um gozo a-mais. Lacan traz a conseqüente falta de um significante capaz de nomear a mulher, como especificidade no processo de estruturação feminina. Segundo André (op. cit.),

Quanto a Lacan, este – principalmente no seu *Seminário Mais, Ainda* – termina por considerar que a feminilidade só pode ser corretamente apreendida a partir desta emergência do real que faz com que uma mulher, mesmo aprisionado no complexo de castração, ainda assim esteja não-toda fixada nele; ela tem, de alguma forma, um pé dentro e um pé fora, uma parte dela mesma não respondendo à função de falo. (ANDRÉ, op. cit., p. 67).

Para Lacan esta posição feminina não estaria restrita apenas aos seres que carregassem no corpo o sexo feminino. A feminilidade é definida a partir do significante do falo como significante da falta. A menina ao se deparar com a visão dos órgãos genitais do outro sexo sucumbe à inveja do pênis, denominada por Lacan como nostalgia da falta-a-ser, de algo que nunca teve. Esse falo se constitui para Lacan como um significante que vai determinar a relação entre os sexos, que irão girar em torno de um ser e um ter. Será em torno da castração da mãe que ocorrerá a constituição do sujeito. O que repercute no sujeito e desencadeia sua



posição quanto à castração e ao sexo, é o efeito da percepção da mãe como castrada e não fálica (RANGEL, 2008).

Diante da ameaça de castração o menino teme ao pai e se identifica com ele, enquanto a menina, não consegue estabelecer essa identificação, pelo fato de que ela não encontra na mãe o traço unário que dá suporte a construção da sua identidade de menina. Com essa falta de um significante a identidade feminina fica configurada como um abismo (ANDRÉ, 1986).

Para entender a questão da feminilidade em Lacan, torna-se necessário entender a respeito de um conceito, o gozo, usado na teoria lacaniana de forma distinta do conhecido gozo freudiano referente ao prazer.

O gozo se define, ao contrário, como aquilo que se opõe ao útil: é, diz Lacan, *aquilo que não serve pra nada*. O gozo se coloca assim como uma instância negativa que não se deixa reduzir nem às leis do princípio do prazer, nem ao cuidado da autoconservação, nem à necessidade de descarregar a excitação. (ANDRÉ, 1986, p. 212).

Mesmo intitulado como algo que não serve pra nada, esse gozo se manifesta de um modo imperativo, visto que todo significante é imperativo e superegótico, estabelecendo aí o imperativo do gozo: Goza! Lacan divide o gozo a partir do significante do falo, que assume uma dupla função, proibindo o gozo, e contrariamente, permitindo-o. Esse significante irá se configurar como causa original para o gozo fálico, e como causa final para o gozo do Outro (LACAN, 1985).

O gozo fálico, determinado pelo significante a partir da cifragem linguajeira do gozo corporal, se manifesta como um gozo parasitário, acrescido ao gozo do corpo, e que se fixa preferencialmente ao nível do pênis e do clitóris. Situa-se onde o simbólico penetra no real. O homem é determinado e circunscrito pela função fálica, sendo assujeitado à castração simbólica, o que o determina como limitado a esse gozo fálico, que se superpõe ao gozo peniano, fazendo com que eles pareçam quase indiscerníveis (VALAS, 2001). Esse gozo fálico caracteriza-se como limitado, circunscrito, e tem algo de localizável e contabilizável, conferindo ao homem o modo de amar fetichista, e o modo de gozar sem palavras e sem amor (FARIAS, 1999).

Configurando-se como para além desse modo de gozo, encontra-se o gozo do Outro, também denominado de gozo do ser. Esse gozo “carece de um significante que possa circunscrever o gozo, o que resulta no excesso deste que tende ao infinito – gozo a mais. Para Lacan, o feminino submete-se a essa outra lógica” (HERNANI, 2011, p. 3).

Hernani (2011) aponta para o fato de que:

Há sujeitos que organizam mais seu gozo e tendem a se posicionar segundo a função fálica. Eles se situam do lado masculino da sexuação, organizados por um significante de gozo cuja presença/ausência os remete à castração, instaurando uma lógica que permite fazer conjunto sob a fórmula de que todo x é castrado. Outros falantes são mais passíveis de experimentar o gozo a mais e ficam do lado feminino da sexuação, para o qual, devido à falta de um significante, a castração não vigora. No feminino não se forma conjunto, pois não se tem como estabelecer o critério segundo o qual todo x é castrado. No feminino, temos o não-todo – nem todo x está submetido à castração – experimentado por alguns homens e pelas mulheres. (HERNANI, op. cit., p.3).

Assim, é a partir desse estatuto da mulher em oposição ao fálico, configurando-se como não- toda, e fora do universal que descreveria o grupo de mulheres, que Lacan desenvolve seu aforismo “A mulher não existe”. O não-todo permite falar de uma mulher ou de outra, mas não se pode generalizar e falar sobre A mulher (LACAN, 1985, p. 105).

A partir dessa dualidade, Lacan circunscreve segundo Miller (2003), do lado masculino o gozo finito e localizável, dando origem ao amor fetichista, ao passo que o gozo feminino se descreve como um gozo infinito e não localizável, originando o modo de amar erotomaniaco. Do lado fetichista o objeto de amor está colocado como um objeto mudo, localizado e identificado, que admite fazer amor sem a intromissão das palavras. Enquanto do lado erotomaniaco, esse objeto tem a forma do Outro que fala, que se encontra intrínseca ao amor e ao gozo.

É a partir dessas constatações que se pode dizer que

Dentro dessa dialética binária, J.-A. Miller desenvolve a construção lógica dos modos de gozar próprios de cada lado da sexuação. Do lado masculino, o sintoma; do feminino, a devastação. Com o sintoma temos um sofrimento localizado. Entretanto, ele aponta que a devastação e o amor derivam do mesmo princípio, a inconsistência do Outro – A/ –, no que esta leva ao sem limite, ao não-todo. (HERNANI, 2011, p. 4).

Miller aponta dois axiomas para a compreensão dos modos de amar referentes aos tipos de gozo. O primeiro diz que “para amar é preciso falar”, visto que “amar é dar o que não se tem” e é através da fala que o sujeito oferece sua falta-a-ser para o outro. Sendo dessa forma justificada a necessidade das mulheres de que os homens lhe fale. O segundo diz que “para gozar é preciso amar”, colocando aqui o caso da mulher que goza por amor e pela fala. O amor se faz presente veiculando o gozo do sujeito feminino (FARIAS, 1999).

Outro aforisma empregado por Lacan, no Seminário XX (1985, p. 17) enuncia que “não há relação sexual”, devido ao fato do significante inconsciente para o feminino não existir, e não haver equivalência entre homem e mulher no tocante à castração.

Nós dois somos um só. Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas enfim, nos dois somos um só. É daí que parte a

ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado. (LACAN, op. cit., p.64).

Pode-se dizer que a problemática feminina é decorrente das modalidades onde a função do falo é exercida ao nível do inconsciente como a função de um significante, produzindo assim seu assujeitamento à lei. Quanto ao mistério do lado feminino, este estaria situado na medida em que a mulher é colocada como suplente da inexistência do Outro ao nível do sexo (ANDRÉ, 1986).

Essas diferenças no modo de gozar, é que irão situar o sujeito na posição masculina ou feminina. E a partir desse modo de gozar, decorrentes da relação com a castração, é que se estabelecerão as parcerias entre os sujeitos.

### 3. O FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE: O DECLÍNIO DA FUNÇÃO VIRIL

Na sociedade contemporânea, o que se pode observar facilmente é a mudança de lugares reservados a homens e mulheres. A mulher contemporânea trabalha, ocupa altos cargos, tem direito a salários iguais ao dos homens, domina funções antes exercidas apenas por homens, e assume uma autonomia não apenas em sua vida profissional, mas também em sua vida amorosa, podendo escolher seus parceiros e a forma como deseja relacionar-se com eles. Deste modo, a mulher alcança status e lugares jamais pensados em outras épocas.

A saída para o mercado de trabalho, juntamente ao advento da invenção da pílula anticoncepcional, dentre outros fatores, deram a mulher um poder de decisão e uma infinidade de escolhas. Assim, escapando do determinismo biológico e social a que estava destinada, a mulher passou a se descobrir como cidadã e sujeito do seu desejo, passando a reivindicar seus direitos (ORSOLIN, 2002). Com suas lutas e reivindicações, aos poucos as mulheres foram conseguindo adentrar no mercado de trabalho de maneira mais igualitária quando comparada ao homem, alcançando menor disparidade em relação a oportunidades e salários. Conquistaram o direito ao voto, a cidadania, a educação, a licença maternidade, a proteção no caso da violência doméstica (LUZ; FUCHINA, 2009).

Com tal mudança, a mulher deixou de ser apenas a esposa dedicada, dependente economicamente do marido, voltada para ele, os filhos e as tarefas domésticas, para ocupar um lugar no mercado de trabalho, e se tornar independente economicamente. Ela surge como chefe de família, recebendo salários mais altos do que o de seus maridos, realizada profissionalmente, e com uma liberdade sexual antes não experimentada pelas mulheres. Tais fatos acabaram ocasionando o surgimento de novas configurações familiares, e simultaneamente, a crise dos papéis masculinos e femininos na nossa sociedade (MIRANDA, 2009).

Pode-se dizer que a psicanálise teve sua parcela de contribuição nessas modificações, tendo em vista que é notório que:

O século XX assistiu a uma aproximação entre os campos do masculino e do feminino numa dimensão que Freud jamais poderia imaginar, e em grande parte, com a contribuição da própria psicanálise. A psicanálise deu voz ao sofrimento das mulheres, trazendo à luz a infelicidade sexual e existencial das mulheres oitocentistas e contribuindo para demolir a convicção burguesa de que, conquistando um casamento, filhos e a segurança de um lar, uma mulher não teria nada mais a querer na vida. (KEHL, 2002, p.15).

Surge então a partir dessas mudanças, a mulher sexuada e com um desejo para além da maternidade e das tarefas domésticas. Uma mulher que não é mãe e ao mesmo tempo deixou de pertencer ao pai, capaz de participar das atividades culturais, sociais, políticas e econômicas junto aos homens.

De acordo com esses fatos, que lugar pode-se pensar para o homem do nosso tempo? Como ele se coloca diante dessa mulher potente, totalmente diferente daquela de séculos atrás?

Toda essa nova dinâmica de vida da mulher contemporânea perpassa também as relações afetivas, estabelecendo, conseqüentemente, novas formas de relações amorosas. Em contraponto com o amor cortês, onde a mulher colocava-se como impossível e o cavalheiro se reclinava diante dela apaixonado e servil, a partir do movimento feminista a mulher transforma o amor em possível, onde a dama passa a responder ao apelo apaixonado do cavalheiro, reduzindo as promessas de amor deste a simples falatórios desacreditados. Tais fatos acabaram por se abater sobre a virilidade do homem, causando assim a derrocada do viril (GUIMARÃES, 2011).

O casal que representa a época atual mostra uma mulher superpotente ao lado de um homem desvirilizado. Tal mulher assume várias posições na sociedade e no relacionamento, tais como: “a administradora do lar”, “a profissional realizada”, “a amante liberada”, “a politizada, culta, intelectual”, sustentando assim uma série de potências fálicas. Enquanto o homem se apresenta para essa mulher como castrado e destituído de qualquer potência fálica que faça lembrar aquilo a que as feministas chamavam de machismo. O amor das mulheres nessa sociedade passa a ser concebido como uma patologia, ao passo que o mesmo amor nos homens, ganha a concepção de mentira (GUIMARÃES, 2011).

Essa nova mulher coloca em cena a histeria contemporânea, mantendo uma suposta identidade feminina, autônoma e independente do desejo masculino, opondo-se ao antigo sonho onde o homem a tornava mulher.

De tal modo que muitas mulheres atuais proferem cheias de orgulho: “não preciso de homem para viver”. E é exatamente em nome desta nova identidade feminina que a defesa fóbica diante do amor se traduz sob o modo de um imperativo: “não se apaixone!”, “seja linda, poderosa, realizada, independente, mas não se apaixone!” (GUIMARÃES, 2005, p.70-71).

Conseqüentemente observa-se uma reinvenção dos modos tradicionais de ser homem, surgindo novos modelos de masculinidades:

A função paterna perde progressivamente seu poder. A onipotência social e familiar do pai de gerações anteriores começa a ceder espaço para a multiplicidade da função paterna. Homens renunciam aos poucos à idéia de serem necessariamente os “chefes de família”, tornando-se cada vez mais distintos de seus próprios pais. Um modelo

ideal de ser pai e também de ser homem rude, é relativizado. Tradições, valores e obrigações já não mais garantem um lugar para um pai. (BEIRAS; LAGO, 2007, p. 2).

Nesse contexto o homem surge como um ser perdido e confrontado com essa mulher que lhe parece auto-suficiente e independente dele. As mulheres se apresentam a ele como mais acessíveis como parceiras sexuais, mas ao mesmo tempo lhe parecem intimidadoras, o que faz com que muitos homens não compreendam o que as mulheres esperam deles (LIPOVETSKY, 2000).

Segundo Bauman (2008), essa mudança dos lugares destinados a homens e a mulheres é entendida como um efeito da pós-modernidade, visto que ele divide a história em modernidade e pós-modernidade. A modernidade se apresenta para Bauman como sendo um período onde as relações tinham mais segurança, e os conceitos e convicções tinham mais firmeza. Ao período da pós-modernidade ele atribui o conceito de liquidez, para explicar a crise das ideologias, e o estado em que se encontra os relacionamentos na sociedade atual. No mundo líquido, a sociedade e as relações se apresentam com a incapacidade de manter as formas. A escolha do termo líquido deve-se ao fato de que:

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaecem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com os sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à idéia de “leveza”. (BAUMAN, 2008, p. 8).

Assim, estilos de vida, instituições, crenças e convicções, transformam-se rapidamente, antes de conseguir se solidificar e tornar-se costumes. As ideologias antes consideradas fortes tendem a desmanchar, junto com as tradições e os conceitos considerados seguros.

As preocupações mais intensas e obstinadas que assombam este tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar o caminho de volta. (BAUMAN, 2005, p.9).

O que era considerado eterno se modifica e passa a ser visto como um momento efêmero. É nesse contexto de liquidez que as relações humanas sofrem modificações. Nessa liquidez ganha lugar o medo, a insegurança e a fragilidade dos laços humanos. Deste modo, Bauman (2009) afirma que as relações contemporâneas também se estabelecem de forma líquida, pois cada vez mais as pessoas sentem-se inseguras para relacionar-se e as relações se apresentam como menos duradouras. De forma, que Bauman (op. cit.) denomina de ‘amor

líquido' as relações amorosas da sociedade contemporânea, devido a grande liberdade na escolha dos parceiros e a variedade de modelos de relacionamentos.

Essa liquidez das relações humanas pode ser aplicada ao imperativo do qual tantos homens, e principalmente as mulheres estão fazendo uso atualmente: “Não se apaixone!”. Assim, usando conceitos psicanalíticos, pode-se enunciar que o amor presente na sociedade atual seria um tipo de amor onde a fixidez sólida da libido estaria ausente (GUIMARÃES, 2011).

Diante da liquidez dos relacionamentos e da quebra de antigas tradições, a mulher do século XXI se coloca mais segura e liberada sexualmente. Encontra-se então numa posição onde dá preferência a relacionamentos de curto prazo, sem comprometimento, visando apenas o prazer de uma noite e colocando o homem na posição de objeto sexual, assemelhando-se ao que era considerado antes como posição masculina.

Os conceitos de família modificaram-se, dando origem a formas mais democráticas e igualitárias de divisão de tarefas entre homens e mulheres. O modelo onde o primado do pai era a referência transformou-se numa variedade enorme de configurações familiares. A autonomia financeira de ambos os cônjuges acarreta uma maior autonomia individual. Pode-se perceber esse fato, considerando-se o aumento das chamadas reproduções independentes por parte das mulheres, bastante divulgado pela mídia, e que aponta para essas novas formas de configurações familiares. Assim como o maior número de divórcios, aponta para a questão de que uma vez independentes financeiramente dos maridos, as mulheres não se sentem forçadas como antigamente a submeterem-se a casamentos onde estão insatisfeitas.

A partir das formulações de Bauman a respeito da sociedade e dos relacionamentos pode-se trazer um conceito que para a psicanálise torna-se importante para a compreensão da sociedade atual, este é denominado como o declínio da função paterna, ou declínio do pai. Para a psicanálise, a configuração do Outro social se constitui como um fator importante na estruturação do sujeito, pois esta sofrerá a influência do momento histórico, da cultura e de outros fatores. De modo que os sujeitos são afetados pela constituição social da mesma.

Assim, não se pode falar em declínio do viril sem que venha à tona o declínio do pai. Lacan (1938), em *Os Complexos familiares na formação do indivíduo*, já trazia o que chamou de “declínio da imago paterna”. Uma vez que esta imago estaria relacionada a uma representação social do pai como responsável pela imposição das leis à criança, este declínio significaria a perda da sua força simbólica e um “afrouxamento do laço familiar”, além de efeitos psicológicos para o sujeito. Lacan situa esse declínio como efeito do progresso social, principalmente da concentração econômica.

Miller (apud ROSA, 2008) aponta que a partir da releitura do caso clínico o pequeno Hans, feita por Lacan em 1957, pode-se formular a tese de que “o viril não existe”. Uma vez que Hans devido à inoperância paterna, não consegue completar o percurso significante da castração, ele não integra a sua masculinidade, fazendo com que sua vida amorosa seja marcada pela identificação feminina. Lacan (apud ROSA, 2008) enuncia que:

Por essa razão, a sua vida amorosa fica marcada pela identificação feminina; isso se manifesta em uma posição passiva, em certo estilo masculino que é o da geração de 1945, ou seja, o daqueles encantadores rapazes que esperam que as iniciativas venham das damas. (LACAN apud ROSA, op. cit., p.439).

Lacan (1975) diz que o pai é uma metáfora, um significante que vem substituir outro significante, assim a posição masculina também é definida enquanto metáfora. Para Lacan (apud JULIEN, 1997) o pai podia ser definido em três dimensões: simbólica, imaginária e real. A dimensão simbólica refere-se ao pai como uma terceira posição entre a mãe e o filho. É portanto uma dimensão instituída pela mãe enquanto mulher que deseja um homem, e está ligada a figura do pai como autoridade e Lei. Quanto a dimensão imaginária, esta diz respeito a imagem que a criança tem do pai, refere-se ao pai como imagem de homem. O pai na dimensão real configura-se como um homem na condição de desejante (JULIEN, 1997).

O pai edipiano se configura como sendo da ordem do discurso, é um significante de valor, que mediado pela palavra da mãe torna-se um grande Outro que tem a função de garantir o sentido, orientar o gozo e apaziguar o sujeito. Esse pai na sua dimensão simbólica, sustentando a função de metáfora paterna, estabelece a Lei. No entanto, a lei estabelecida pelo pai tornou-se frouxa, é ameaçada de destituição pelo modelo contemporâneo social foi destruída pela contemporaneidade, e esse pai que representava a autoridade e detinha o poder sobre a casa e a família, hoje se mostra ausente, carente, humilhado, desempregado, e muitas vezes aparece como apenas um espermatozóide no banco de doação (ALBUQUERQUE, 2006).

A função do pai que durante séculos encontrava-se bem definida na sociedade patriarcal, sendo este detentor de um poder que limitava o poder da mãe sobre os filhos, declinou em função da força adquirida pela mulher ao inserir-se no mercado de trabalho. Esse declínio configura-se do ponto de vista jurídico, social e político, uma vez que do ponto de vista inconsciente o pai continua sendo necessário (JULIEN, 1997).

Pode-se dizer que:

A queda do Nome-do-Pai provocou uma vacilação na identificação dos sujeitos, visto haver um limite na filiação ao pai, na identificação vertical. As formas tradicionais de regulação não são mais eficazes e o sujeito não sabe mais como se orientar no campo do gozo, que tratamento dar a ele, frente à variedade dos modos de gozo que a atualidade promove. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 63).



Dessa forma, o declínio do pai não provoca apenas a desorientação do homem quanto à sua identificação com o viril, mas é nesse declínio que se pode encontrar as causas de tantos sintomas apresentados na época atual, tais como a anorexia, bulimia, toxicomania, o consumismo desenfreado, denominados pela psicanálise como novos sintomas.

Para tentar fazer laço de parceria com essa nova mulher, o homem colocado como desvirilizado e como desacreditado diante das mulheres, passa a utilizar estratégias próprias da histeria, formulando sua súplica de amor pelas vias do semblante, aparece assim “Vestindo a nova roupagem do homem pós-moderno”. Surge dessa forma o que costumam chamar de metrossexual, que se constitui como a imagem do homem feminilizado com os adereços estéticos impostos por essa mulher contemporânea, “entregando-se a elas como o seu novo brinquedo”. Fazem-se assim de feminilizados, sustentando um apelo ao romantismo na busca pelo amor dessa mulher que já não sabem como conquistar. Dessa forma, esse declínio do viril aparece como um modo de fazer apelo ao amor (GUIMARÃES, 2011, p.5).

Esse homem metrossexual, termo criado pelo jornalista e escritor inglês Mark Simpson como junção das palavras metropolitano e heterossexual, aparece como um homem vaidoso, e que procura alcançar a beleza através de métodos antes considerados apenas femininos, como a cirurgia plástica (JANUÁRIO, 2006). O homem participa então, da chamada cultura do narcisismo e do espetáculo para tentar alcançar a atenção dessa mulher. Birman (2003) traz apontamentos sobre essa cultura afirmando que

O cuidado excessivo com o próprio eu se transforma assim em objeto permanente para a admiração do sujeito e dos outros, de tal forma que aquele realiza polimentos intermináveis para alcançar o brilho social. (BIRMAN, op. cit., p. 167).

Assim, não é difícil encontrar na sociedade atual, homens e mulheres amando de um modo cada vez mais narcisista, onde o que entra em jogo não é o bem estar de duas pessoas, mas um egoísmo onde cada um vive por si e nenhum por todos.

Sobre essa parceria amorosa da contemporaneidade, onde encontramos de um lado essa mulher que ataca a virilidade do parceiro, e do outro esse homem feminilizado e inseguro perante essa mulher, Laurent (apud GUIMARÃES, 2005) vem dizer que a estrutura desse casal contemporâneo consiste em “discutir a relação”. Discussão que é proposta na maioria das vezes pela boca das mulheres, e tem como intuito castrar o parceiro de forma que este admita suas falhas, se culpe, prometa mudar, e se retrate mais uma vez. E ainda,

E depois que este homem decaído, ferido de morte em sua virilidade ainda aí permanece, o requinte sádico histórico poderá desferir o último golpe mortal, diante do macho moribundo em seus últimos suspiros de vida, ela agora exige: “seja homem!” (GUIMARÃES, op. cit., p. 72).

Para explicar essa questão do amor e do desencontro Platão pela voz do discursista grego Aristofánes, traz em *O Banquete* o Mito do Andrógino. Segundo tal mito no início dos tempos havia três sexos: macho, fêmea e a união dos dois, denominada de andrógino. Os machos seriam descendentes do sol, as fêmeas da terra e a união dos dois seria descendente da lua. Todos os seres seriam criaturas redondas, com quatro mãos, quatro pés e uma cabeça com duas faces olhando para lados opostos. Esses seres possuíam uma força extraordinária e um poder imenso, fato que os tornou ambiciosos, a ponto de desafiar os deuses escalando o Olimpo, a montanha onde viviam os imortais. Como castigo por tal desobediência, Zeus cortou-os ao meio e Apolo virou suas cabeças para que pudessem contemplar eternamente sua parte amputada. Depois da mutilação as criaturas passaram a morrer de fome e inércia, então Zeus concede a mudança dos órgãos genitais da parte de trás do corpo para a parte da frente, desse modo poderiam se encontrar para a reprodução ou para o prazer. Desde então as criaturas passaram a procurar a sua metade complementar, na lembrança e tentativa de reencontrar a união perfeita (LACAN, 1960).

E assim se estabelece esse desencontro amoroso da contemporaneidade, onde homens e mulheres, com suas diferenças e incompletudes, tentam fugir de relacionamentos duradouros e ao mesmo tempo tentam estabelecer laços entre si. Semelhante ao mito platônico, os seres humanos tentam encontrar sua completude em outra pessoa, e na contemporaneidade muito além de pessoas, às vezes em objetos, que possam lhe preencher o vazio. Vazio este que é inerente ao ser humano e a ambos os sexos em sua posição de castrado.

No tocante a diferença entre os sexos na contemporaneidade, mesmo observando-se a ascensão feminina, não é difícil encontrar homens que guiados pela concepção machista e perdidos em não saber lidar com as novas configurações do lugar da mulher, a submetem a violência física e moral. Trazem assim o modelo de masculinidade relacionado a agressão e a superioridade, tornando a mulher submissa de seus desejos e vontades pela força bruta.

Portanto, a mulher embora tenha conseguido posição de destaque e equiparação significativa quanto a seus direitos e oportunidades com relação aos homens, e conte com leis como a Maria da Penha<sup>2</sup>, ainda enfrenta desafios devido a herança que carrega de séculos de submissão.

Ao passo que se observa a inversão dos lugares do homem e da mulher, percebe-se o

---

<sup>2</sup> Lei de nº 11.340, criada com o intuito de proteger as mulheres contra agressões físicas, morais e psicológicas, praticadas por agressores do sexo masculino. Fonte: Presidência da República - Casa Civil (site).

quanto a sociedade e a cultura são marcadas pela mobilidade e pela transformação de valores e conceitos. Aquela mulher que na pré-história apresentava um status de divindade por sua capacidade de reprodução, hoje muitas vezes rejeita tal capacidade para dedicar-se a outros projetos. Enquanto o homem que simbolizava o poder familiar, apresenta-se à família fraco e inibido pelas mudanças femininas. Percebe-se então que embora os sexos possam buscar a igualdade entre si, a concepção de que são diferentes socialmente os levará a um novo patamar de desigualdade, levando-os a constante mudança de lugares e a novos conceitos de masculino e feminino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, observa-se o deslizamento do lugar da mulher de um ser considerado sagrado, até o papel de submissa ao homem, e até mesmo de demoníaca e pecadora.

Após examinar os registros da literatura referentes às diferenças entre os sexos, percebe-se inegavelmente o quanto a condição feminina está associada aos estigmas de fragilidade e incapacidade. A mulher encontra-se numa posição subordinada ao homem, em vários aspectos básicos da sua existência e essa posição foi apoiada por forças dominantes em cada época.

Muitas são as tentativas de teólogos, filósofos, cientistas, para justificar a desigualdade entre homens e mulheres, e afirmar a superioridade do sexo masculino sobre o feminino. No entanto, correríamos o risco de ser igualmente pretensiosos ou até mesmo preconceituosos ao julgar uma das teorias como correta. Sabe-se que a diferença entre os sexos decorre de um processo constituído ao longo da história e que embora superada em grande parte, ainda deixou seus vestígios notados de forma explícita ou implícita na sociedade em que vivemos.

Com a concepção do Complexo de Édipo, Freud adentra na sexualidade infantil e na estruturação psíquica do sujeito. Observa então que as diferenças entre os sexos masculino e feminino coexistem em outras instâncias além do biológico. Os sujeitos localizam-se de um lado no tocante a biologia enquanto no que diz respeito à estruturação psíquica podem estar localizados do lado oposto, decorre de uma estruturação psíquica subjetiva.

Freud demonstra como os sujeitos situam-se em cada posição sexual ao longo de sua estruturação na infância e como isso vem a interferir na sua vida adulta e nas escolhas objetais. Dentro dessa estruturação, observa o quanto o processo é mais difícil e complexo para as meninas, e como esse processo pode levá-las a rejeição da sexualidade, ou até mesmo a ocupar uma posição masculina. A feminilidade para Freud apresenta-se como um tornar-se, como um vir-a-ser, diferentemente da concepção onde se é aquilo que se nasce.

Lacan (1985, p.105) enuncia que “A mulher não existe”, ao localizá-la como não-toda e impossível de ser descrita em relação ao grupo de mulheres, e vem a entender as posições masculina e feminina como uma diferença no modo de gozar, que decorre da relação do sujeito com a castração. Assim pode-se encontrar a mulher do lado do gozo Outro, enquanto o homem estaria submetido ao gozo fálico.

Esse gozo feminino seria um gozo infinito e sem possibilidade de localização, e daria origem ao modo de amar erotomaniaco, próprio da mulher, ao passo que o gozo situado do

lado masculino, tenderia ao finito e a uma localização, no caso o seu órgão genital, e explicaria o seu modo de amar fetichista. Seriam esses modos de gozar que estabeleceriam as relações amorosas, chamadas relações-sintomáticas.

Mesmo negadas e excluídas dos processos mais importantes da sociedade, as mulheres ao longo dos séculos conseguiram sair da posição social a que foram submetidas e ocupar cargos nunca antes pensados pela sociedade. A Revolução Industrial, o advento da pílula anticoncepcional, e até mesmo a psicanálise, tiveram sua parcela de colaboração nessa transformação.

Ao conquistar um espaço no mercado de trabalho, e lutar nos movimentos feministas em busca dos seus direitos e da igualdade entre os sexos, a mulher passa a ocupar um lugar mais independente, e a ter uma maior autonomia sobre o seu corpo e suas vontades. Assim a mulher contemporânea encontra-se numa posição totalmente diferente da ocupada pelo sexo feminino em séculos atrás. E diante dela surge um homem também modificado, visto que com tantas mudanças, este já não sabe como conquistar essa mulher e como se relacionar com ela. Fato esse que é denominado como declínio do viril, e apresenta-se como sendo provocado a partir do declínio do Nome-do-pai.

Ao mesmo tempo em que a mulher e o homem modificam-se, as relações amorosas também sofrem interferência, fruto das transformações da sociedade e dos sujeitos. Pode-se observar na sociedade contemporânea, além do declínio do viril, um declínio dos relacionamentos duradouros e do tão sonhado amor eterno. As relações passam a ser descartáveis e a apresentar prazo de validade. As novas configurações familiares mudam o conceito daquela família nuclear, e inserem novos modos de se constituir um lar.

Diante desses fatos observa-se o quanto a incompletude humana encontra-se evidente na sociedade contemporânea que constantemente tenta tamponá-la e preencher o vazio. Fica evidente também o quanto a mulher ainda carrega a herança de seu passado de submissão, uma vez que muitos homens ainda a submetem a formas de violência, e devido ao fato de que embora consigam conquistar altos cargos e um lugar fora do espaço doméstico, ainda precisam se submeter a uma jornada dupla de trabalho, já que ainda cabe a ela o cuidado com a casa e a família.

Pode-se refletir a que lugar esse declínio do pai levará a sociedade contemporânea. Numa época onde o homem encontra-se perdido, a mulher apresenta-se como superpotente, pode-se esperar mais mudanças e o aparecimento de mais novos sintomas? Perante tantas transformações, que lugar pode ser pensado para a diferença entre os sexos em um futuro próximo? Interrogações essas que ficam no vazio, uma vez que só podem ser respondidas a

partir do passar dos anos. Resta então nos recolhermos a castração da falta de respostas e a fluidez da sociedade em que vivemos, tentando solidificar nossos laços e aguardar que os processos históricos, culturais, sociais e psicológicos continuem efetuando a mobilidade dos lugares, do feminino e do masculino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Judith Euchares Ricardo de. Declínio da autoridade: Do Nome-do-Pai ao sinthoma. In: **Revista Tribunal Regional do Trabalho**. Belo Horizonte, v.43, n.73 p.61-68, jan./jun.2006.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986

ALTIMARI, Lucas Lima; RIZZO, Marçal Rogério. **A mulher no lugar certo**, 2010.  
Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/sociologia/a-mulher-no-lugar-certo-14859/artigo/>>. Acesso em: 20 de setembro de 2011.

ALVARENGA, Elisa. **As Formações do inconsciente - Os três tempos do Édipo**, 2006.  
Disponível em: <<http://www.pailegal.net/fatiss.asp?rvTextoId=230504286>> Acesso no dia 12 de novembro de 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: I Fatos e Mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEIRAS, Adriano; LAGO, Mara Coelho de Sousa. Os encontros e desencontros entre o ser homem e o ser pai em sujeitos de camadas populares de Florianópolis. In: **XIV Encontro Nacional ABRAPSO**, 2007, Rio de Janeiro. Diálogos em Psicologia Social – Epistemológicos, Metodológicos, Éticos, Políticos, Estéticos, Políticas Públicas, 2007.

BERTOLDO, Maria Geane da Silva; PASQUAL, Silvana Aparecida. A mulher e sua atuação na sociedade ocidental. **Revista UniABC**. São Paulo. v.1, n.2, 2010, p. 173-186,

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na Atualidade: A psicanálise e as suas novas formas de subjetividade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4º Ed., 2003.

BRANCO, Alberto Manuel Vara. A mitologia Grega, uma concepção genial produzida pela humanidade: os condicionalismos religiosos e históricos na civilização Helênica. In: **Millenium Spectrum**, n.31, mai. 2005, p. 59-73.

CARREIRA, José Nunes. A mulher no Antigo Egito. In: **A mulher na história: Ata dos Colóquios sobre a temática da mulher**. Câmara Municipal de Moita, 2001.

CERDEIRA, Cleide Maria Bocado. **Os primórdios da inserção sociocultural da mulher brasileira**, 2004. Disponível em:

<[http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/Mar04\\_Artigos](http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/Mar04_Artigos)> Acesso no dia 20 de outubro de 2011.

DOR, Joël. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1997.

FARIAS, Cassandra Dias. **Um gozo além do falo**. 1999. Disponível em:

<[http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf\\_biblioteca/Cassandra\\_Dias\\_Um\\_gozo\\_alem\\_do\\_falo.pdf](http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Cassandra_Dias_Um_gozo_alem_do_falo.pdf)>. Acesso no dia 10 de novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **O amor como semblante de gozo**. Disponível em:

<[http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf\\_biblioteca/Cassandra\\_Dias\\_O\\_amor\\_como\\_semlante\\_de\\_gozo.pdf](http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Cassandra_Dias_O_amor_como_semlante_de_gozo.pdf)>. Acesso no dia 10 de novembro de 2011.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre as teorias sexuais das crianças (1908)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Um tipo de escolha de objeto feita pelos homens (1910)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.



\_\_\_\_\_. **A organização genital infantil (1923)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **A dissolução do Complexo de Édipo (1924)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade Feminina (1931)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Feminilidade (1933[1932])**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio-INL, 1977.

\_\_\_\_\_. **Casa-grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

FUCHINA, Rosimeri; LUZ, Alex Faverzani da. A evolução histórica dos direitos da mulher sob a ótica do direito do trabalho. In: **Anais do II Seminário Nacional de Ciência Política da UFRGS**, 2009. Disponível em:

<<http://www6.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigoalex.pdf>>. Acesso no dia 18 de outubro de 2011.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

GUERRA, Almícar. A mulher em Roma. Algumas considerações em torno da sua posição social e estatuto jurídico. In: **A mulher na história: Ata dos Colóquios sobre a temática da mulher**. Câmara Municipal de Moita, 2001.

GUIMARÃES, Lêda. “Não se apaixone!” A histeria contemporânea e o declínio do viril. In: **Revista Opção Lacaniana**, n. 44, p. 66-76, Nov. 2005.

\_\_\_\_\_. O parceiro amoroso da mulher atual. In: **Opção Lacaniana online – nova série**. Ano 2, n. 5, jul. 2011. Disponível em:  
<[http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_5/O\\_parceiro\\_amoroso\\_da\\_mulher\\_atual.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_5/O_parceiro_amoroso_da_mulher_atual.pdf)> Acesso no dia 23 de outubro de 2011.

HERNANI, Fernanda. Falar, amar, gozar e escrever. In: **Opção Lacaniana online nova série**. Ano 2, n. 4, março de 2011. Disponível em:  
<[http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_4/Falar\\_amar\\_gozar\\_escrever.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_4/Falar_amar_gozar_escrever.pdf)>. Acesso no dia 19 de novembro de 2011.

JANUÁRIO. Soraya Maria Bernardino Barreto. O homem contemporâneo e sua representação social nos media. In: **6º Congresso SOPCOM**, 2006. Disponível em:  
<[http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/viewFile/404/395](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/404/395)> Acesso no dia 10 de novembro de 2011.

JULIEN, Philippe. **A feminilidade velada**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1997.

\_\_\_\_\_. **O manto de Noé – Ensaio sobre a Paternidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

\_\_\_\_\_. **Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Sexualidade recontextualizada. In: **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador, UFBA, 2002.

LACAN, Jacques. **Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1938.

\_\_\_\_\_. **O Seminário - Livro 5 - As formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. **O Seminário - Livro 8: A Transferência.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1960.

\_\_\_\_\_. **O Seminário – Livro 20: Mais, Ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino.** Trad. M. L. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. In: **Clique. O sexo e seus furos.** Belo Horizonte, 2003.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. A angústia na cena contemporânea e os avatares da masculinidade. In: **Reverso.** Belo Horizonte, v. 32, n. 59, jun. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952010000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso no dia 10 de novembro de 2011.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em estudo.** Maringá, v. 9, n. 2, 2004 .

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. **Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência.** PPGH – UFF, Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

Disponível em:

<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST27/Lilian\\_Sarat\\_de\\_Oliveira\\_27.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf)> Acesso no dia 18 de outubro de 2011.

ORSOLIN, Ricardo. Nem toda mulher quer ser mãe: Novas configurações do feminino. In: **Relações Familiares: Uma reflexão contemporânea**. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

PINTO, Aline de Sousa. Condição da mulher na história brasileira. In: **Enciclopédia Biosfera**. Goiânia, 2008. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/31184344/CONDICAO-DA-MULHER-NA-HISTORIA-BRASILEIRA>> Acesso no dia 12 de novembro de 2011.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

POESCHL, Gabrielle; MÚRIAS, Cláudia; COSTA, Eleonora. **Desigualdades sociais e representações das diferenças de gêneros**, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n171/n171a05.pdf>> Acesso no dia 18 de novembro de 2011.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 24. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PRATAS, Glória Maria D. L. O feminino na arte medieval. **Mandrágora: Gênero e religião nas artes**. Vol. 15, n. 15, 2009, p. 117-124.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – CASA CIVIL. In: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm)> Acesso no dia 20 de novembro de 2011.

RANGEL, Maria Beatriz de Sousa. Histeria e feminilidade. **Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de Almeida, Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade**. Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, Nuno Simões. A mulher na Grécia Antiga. In: **A mulher na história: Ata dos Colóquios sobre a temática da mulher**. Câmara Municipal de Moita, 2001.

RODRIGUES, Nuno Simões. Agripina e as outras. Redes femininas de poder nas cortes de Calígula, Cláudio e Nero. In: **Gerión**, n. I, 2008, p. 281-295.

ROSA, Márcia. Ser um homem segundo a tradição? In: **Fractal - Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, Dez. 2008.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco e a participação feminina em Esparta. In: **Sæculum – Revista de História**. Vol.12, jun.João Pessoa, 2005.

SOUSA, Aline Fernandes de. **O papel das mulheres na sociedade faraônica: a igualdade em discussão**. PPGH – UFF, Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Aline\\_Fernandes\\_de\\_Sousa\\_70.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Aline_Fernandes_de_Sousa_70.pdf)> Acesso no dia 20 de setembro de 2011.

SOUSA, Itamar de. A mulher na Idade Média: a metamorfose de um status. **Revista da FARN**, Natal, v.3, n.1/2, jun. 2004, p. 159 – 173.

SOUZA, Itamar de. A mulher e a Revolução Francesa: participação e frustração. **Revista da FARN**, Natal, v. 2, n. 2, jul. 2003, p. 111-124.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. V. 1. 1989.

TORRES, Moisés Romanazzi. Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV a.C.). 2001. In **Revista Eletrônica: A Cidade das Mulheres - Cidadania e Alteridade Feminina na Atenas Clássica**. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num1/mulher.html>.> Acesso no dia 18 de outubro de 2011.

VALAS, Patrick. **As Dimensões do Gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

VALENÇA, Maria da Conceição Araújo. A feminilidade em Freud e na contemporaneidade: Reflexões e impasses. Recife, 2003. Disponível em: <[http://www.unicap.br/tede/tde\\_arquivos/1/TDE-2006-12-20T145831Z-51/Publico/Maria%20Araujo.pdf](http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2006-12-20T145831Z-51/Publico/Maria%20Araujo.pdf)> Acesso no dia 18 de novembro de 2011.

VELOSO, Carlos. Papéis femininos na formação do Brasil. **Revista Faces de Eva**. Estudos sobre a mulher, Nº. 03, Lisboa, 2000.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13, n. 2. Ago. 2005. p. 331-341.